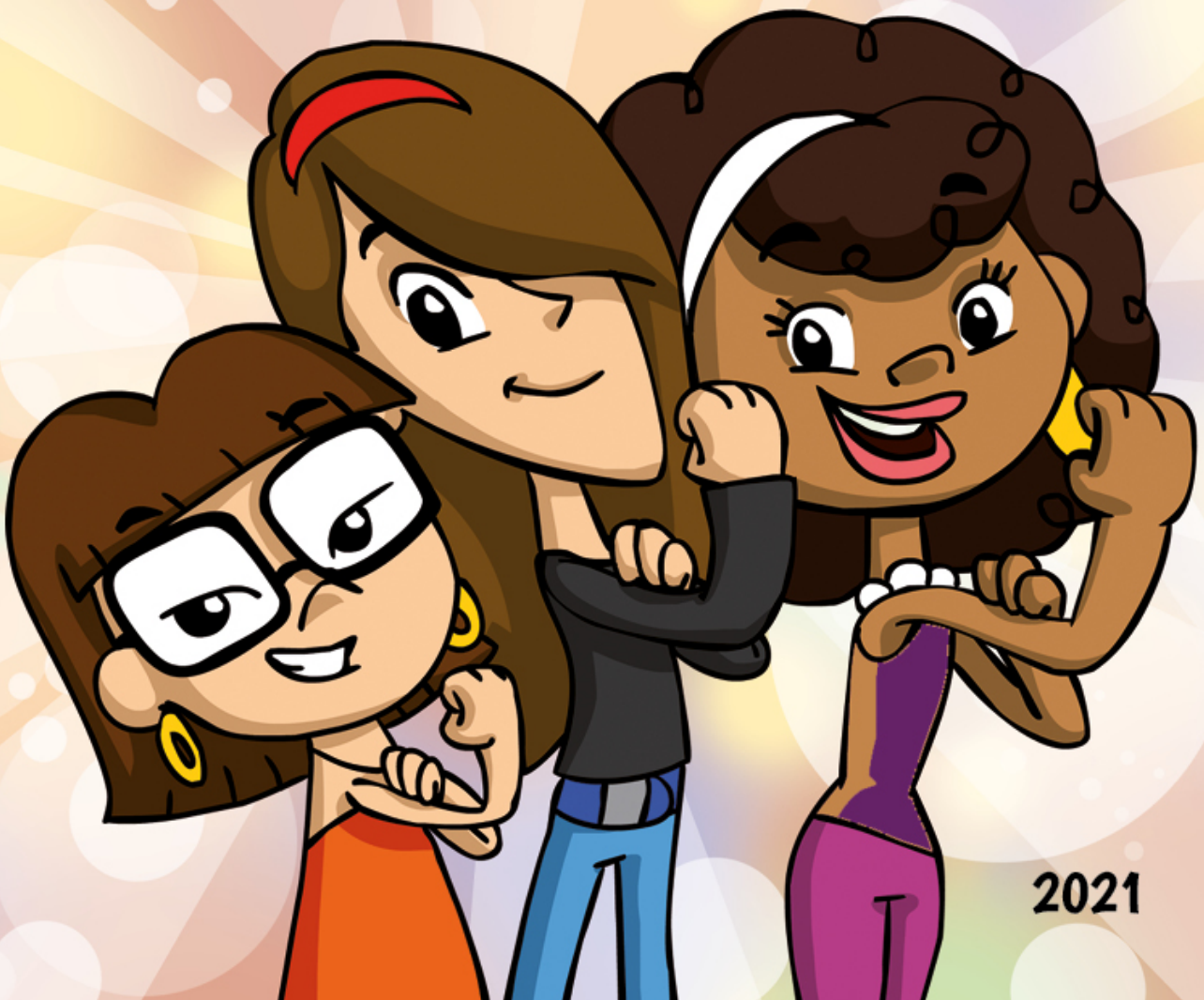


Edição atualizada
12 novas mulheres!

Plenarinho

Brasileiras Inspíradoras



2021

Apresentação

Este e-book foi criado pensando em você, plenamiga, que está começando a despertar para um mundo em que é preciso trabalhar diariamente pela equidade de direitos entre mulheres e homens.

Cada uma das mulheres que reunimos aqui teve a coragem de romper com as expectativas da sociedade e escrever uma nova história. Esperamos que você se inspire com seus exemplos e trilhe as estradas que elas abriram. E, se ainda houver caminhos fechados, que você ouse desbravá-los.

Ouse, menina, ouse. Você vai longe.



Guerreiras

Lugar de mulher pode ser, sim, nos campos de batalha. Foi o que essas bravas guerreiras provaram, cada uma a seu modo.





Dandara

Considerada uma heroína brasileira, Dandara dos Palmares liderou o maior grupo de resistência à escravidão do Brasil-Colônia: o Quilombo dos Palmares. Junto a Zumbi, com quem teve três filhos, Dandara é até hoje lembrada pela posição de direção dentro do Quilombo. Sábia, guerreira e defensora dos oprimidos, lutava capoeira muito bem e não aceitava negociação com escravocratas, a menos que concordassem com a total liberdade de seu povo.

O que é quilombo?

Essa palavra, vinda do dialeto dos povos Bantus, da África Ocidental, originalmente queria dizer acampamento – um tipo de abrigo temporário para viajantes. Mas, no Brasil-colônia, passou a identificar as comunidades autônomas de escravos fugitivos. O maior deles foi o de Palmares (que existiu de 1580 a 1710), localizado na capitania de Pernambuco, onde hoje é o estado de Alagoas.

História

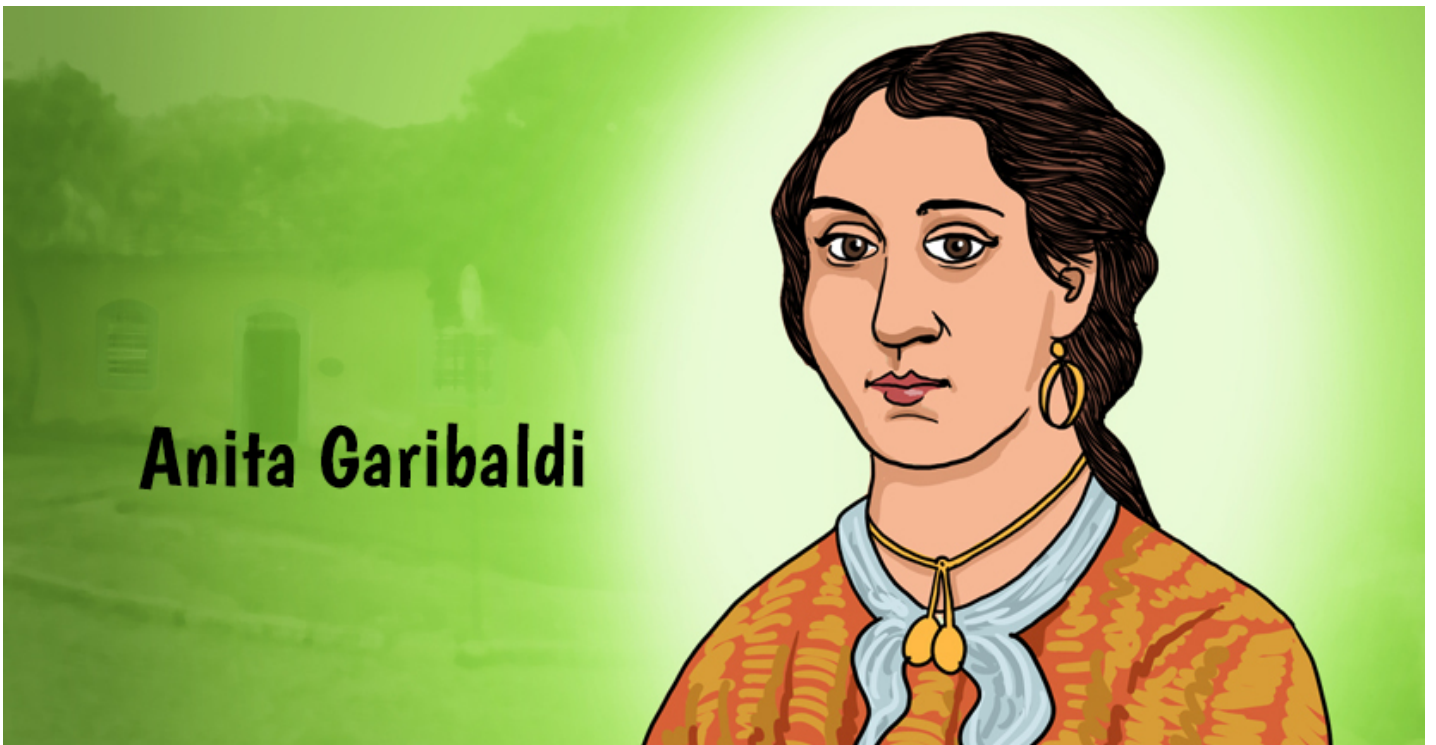
A história de Dandara se confunde com a história do Quilombo dos Palmares e de Zumbi. Não há registros oficiais sobre a vida e a morte da heroína, mas ela se faz presente em histórias contadas por descendentes dos quilombolas, pelo grande significado de sua resistência.

Em 1677, Dandara e Zumbi assumiram a liderança do Quilombo após se recusarem a aceitar um tratado proposto pelo governo da capitania de Pernambuco. Com estratégias de combate robustas, eles defenderam Palmares bravamente por quase 20 anos, até serem entregues pelo quilombola Antônio Soares.

Até hoje, Dandara dos Palmares reacende a figura feminina na luta contra discriminação racial e demonstra quanto as mulheres fazem parte do enfrentamento perante as desigualdades.

Heroína da Pátria

Em 25 de abril de 2019, Dandara foi inscrita no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, um livro de aço que fica exposto no Panteão da Pátria e da Liberdade, monumento localizado na Praça dos Três Poderes, em Brasília/DF. O Livro dos Heróis e Heroínas homenageia todos os homens e mulheres que se sacrificaram em defesa da liberdade e da democracia no Brasil.



Anita Garibaldi

No dia 30 de agosto de 1821, nasceu em Laguna, Santa Catarina, uma menina de gênio indomável. Seu nome era Ana Maria de Jesus Ribeiro.

Filha de uma família humilde de descendentes de açorianos, desde pequena, Ana Maria mostrou que tinha ideias e vontades próprias. A menina falava o que pensava, e espantava toda a gente.

Preocupada com o futuro da filha, a mãe da menina a fez casar-se, aos 14 anos, com um homem bem mais velho.

Foi então que, aos 18 anos, conheceu o guerrilheiro italiano Giuseppe Garibaldi, por quem se apaixonou. Fascinada pelos ideais de liberdade e democracia defendidos por Garibaldi, Ana fugiu com ele, passando a lutar lado a lado com o amado nos campos de batalha.

Ana então tornou-se Anita. Ela aprendeu a lutar com espadas, a usar armas de fogo. Nem mesmo as gestações a impediram de demonstrar sua bravura em diversos combates.

Anita casou-se com Giuseppe em 1842, em Montevideu. Juntos, tiveram quatro filhos, lutaram pela independência da República Rio-grandense e pela unificação italiana – é por isso que ela ficou conhecida como “Heroína de dois mundos”.

Anita Garibaldi morreu de febre tifoide em Ravena, na Itália, em 4 de agosto de 1849.





Maria Quitéria

Maria Quitéria de Jesus nasceu no dia 27 de julho de 1792, no sertão da Bahia (onde hoje fica Feira de Santana). E sempre teve um espírito livre e independente.

Como muitas meninas de seu tempo, ela não pôde frequentar a escola. Em compensação, aprendeu a montar, caçar e manejar armas de fogo como ninguém.

Luta pela Independência do Brasil

Em 1822, depois do famoso Grito do Ipiranga, começaram as lutas em apoio à independência do Brasil. Em todo o País, soldados eram recrutados para integrar o Batalhão de Voluntários de D. Pedro I.

Maria Quitéria logo quis se alistar, mas seu pai não deixou. Ela não se deu por vencida: com o apoio da irmã e do cunhado, que lhe emprestou as fardas e o sobrenome, ela se tornou o soldado Medeiros.

Sob o comando do major José Antônio da Silva Castro, Maria Quitéria demonstrou grande coragem, disciplina militar e habilidade com armas. E, mesmo quando sua identidade foi revelada, ela foi mantida na linha de frente das batalhas! A diferença é que ela passou a usar um saiote sobre a farda e um penacho no capacete.

Vencidas as lutas em apoio à Independência, em 1823, Maria Quitéria foi condecorada pelo próprio Dom Pedro como “Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro do Sul”. Foi a primeira mulher brasileira a integrar uma unidade militar, tornando-se símbolo do movimento de emancipação feminina.

Maria Quitéria morreu em 1853, aos 61 anos. Mas sua imagem permanece viva e presente nos quartéis e repartições militares do Brasil, como patrona do quadro complementar do Exército Brasileiro.





Tereza de Benguela

Sabia que o Brasil já teve uma rainha negra? Ela foi uma líder corajosa, que governou com mão de ferro o Quilombo do Quariterê entre 1750 a 1770.

Não se sabe ao certo quando Tereza de Benguela nasceu, nem a sua origem – há quem diga que ela veio de Angola, outros afirmam que ela nasceu aqui. O que se sabe é que ela se casou com José Piolho, líder e fundador do Quilombo do Quariterê, que ficava na região do Vale do Guaporé, em Vila Bela da Santíssima Trindade, onde hoje é o Estado do Mato Grosso.

Em 1750, José Piolho morreu e Tereza o sucedeu. Imagine só, uma mulher líder de um quilombo! Pois Tereza provou que era capaz. Olha só o que se dizia sobre ela naqueles tempos:

“A rainha Tereza governava esse quilombo a modo de Parlamento, tendo para o conselho uma casa destinada, para a qual, em dias assinalados de todas as semanas,

entravam os deputados. Isso faziam, tanto que eram chamados pela rainha, que era a que presidia e que naquele negral Senado se assentava, e se executavam à risca, sem apelação nem agravo". (Anal de Vila Bela de 1770)

Tereza protegia os seus domínios com unhas, dentes e armas – ela reforçou as defesas do quilombo com armamento adquirido a partir de trocas ou tomado de quem era derrotado em conflitos. E aí do quilombola que saísse da linha e colocasse em risco a segurança do Quariterê! Rainha Tereza era muito severa e ordenava castigos terríveis.

A vida no quilombo era próspera. A produção agrícola era muito farta, e o excedente era trocado na vila por outras mercadorias. Em seu auge, a população chegou a 300 pessoas, incluindo também índios e mestiços.

Infelizmente, o Quariterê incomodava o governo escravagista por ser econômica e militarmente forte. Depois de anos de ataques, ele foi conquistado em 1770. Rainha Tereza foi capturada e morreu dias depois, na prisão.

Homenagens

Em 2014, o dia 25 de julho tornou-se Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra. A data é a mesma do Dia da Mulher Afro-Latino-Americana e Caribenha, criado em 1992, no I Encontro de Mulheres Negras da América Latina e do Caribe, na República Dominicana.

E, por duas vezes, Tereza foi enredo de escola de samba! No carnaval de 1994, a escola de samba carioca Viradouro foi para a avenida com “Teresa de Benguela, Uma Rainha Negra no Pantanal”. Em 2020, foi a vez da Barroca Zona Sul, de São Paulo, com “A Barroca clama a ti, Tereza!”.



Sufragistas

É difícil de acreditar, mas as brasileiras só tiveram assegurado o direito ao voto há menos de 100 anos. E isso só aconteceu porque tivemos a sorte de contar com Nísias, Leolindas e Miettas em nossa história.





Nísia Floresta

Nísia Floresta é considerada a primeira brasileira a se manifestar pela emancipação das mulheres.

Dionísia Gonçalves Pinto nasceu em 12 de outubro de 1810, na cidade de Papari-RN. Mulher de pensamento e comportamentos autênticos muito além de seu tempo, ela ficou conhecida com o pseudônimo de Nísia Floresta Brasileira Augusta.

Poetisa e escritora, Nísia publicou, aos 22 anos de idade, “Direitos das mulheres e injustiça dos homens”, em que trata da realidade da mulher brasileira. A obra inspira-se no livro de Mary Wollstonecraft, conhecido como um dos primeiros manifestos feministas do mundo.

Educação em primeiro lugar

Para Nísia, a educação era o primeiro passo para emancipação da mulher. Pioneira na luta pela alfabetização das meninas e jovens, fundou uma escola

inovadora na cidade do Rio de Janeiro, marco na história da educação feminina no Brasil. Também foi uma das primeiras mulheres a publicar artigos em jornais de grande circulação.

Nísia Floresta já considerava que a ideia de superioridade masculina possuía um vínculo com a educação e as conjunturas da vida. Compreendia também que as diferenças entre os sexos são construções sociais e que não justificam a desigualdade.

Militante pelos direitos das mulheres, não limitou suas ações a essa questão. Envolveu-se na defesa dos índios e também nas discussões sobre a escravidão. Apoiou o movimento abolicionista e republicano.

Morreu em Rouen, na França, em 24 de abril de 1885.





A professora Leolinda Daltro se destacou na luta pelos direitos das mulheres. Nascida na Bahia em 14 de julho de 1859, ela dedicou a sua vida às causas em que acreditava.

Em um Brasil muito católico e conservador, Leolinda era tudo que as mulheres da época não deviam ser: ela era desquitada, mãe de cinco filhos, trabalhava fora e, ainda por cima, era politicamente ativa. Ela fez da igualdade e da justiça as suas bandeiras, e da educação, o seu instrumento.

Causa indígena

Leolinda ficou conhecida em todo o Brasil por defender os direitos das populações indígenas. Num tempo em que as políticas indigenistas oscilavam entre a catequização e a aculturação total das tribos ou o seu extermínio, ela defendia o ingresso dos índios na sociedade por meio da alfabetização laica (isto é, sem ligação com qualquer religião).

Ela buscou os parlamentares da época para tentar convencê-los de suas ideias. Mas logo percebeu que, enquanto a política fosse feita por homens e para homens, a voz das mulheres não seria ouvida.

Uma professora sufragista

Incomodada com o fato de as mulheres não poderem votar, ela fundou o Partido Republicano Feminino, em 1910. Seu objetivo era mobilizar o público feminino para lutar por seus direitos.

Em 1911, como professora da Escola Orsina da Fonseca, liderou suas estudantes em passeata até o Palácio do Catete. Recebeu muitas críticas da imprensa, entre elas a de que as mulheres não podiam participar da política, porque não lutavam nas guerras. Não por isso – Leolinda ensinou suas meninas a manejar armas.

Incansável e ciente da importância dos direitos pelos quais lutava, apresentou requerimento pelo direito ao voto feminino à Câmara dos Deputados, em 1916. Também foi a primeira brasileira a se candidatar às eleições municipais, em 1919, defendendo a diminuição das desigualdades e da miséria, mas teve seu registro negado.

Leolinda morreu no dia 4 de maio de 1935. Mas viveu para ver as mulheres conquistarem o direito ao voto em 1932.





Mietta Santiago

Mietta Santiago foi uma mulher que, no início do século 20, lutou muito pela participação feminina na política. Ela nasceu em 1903, em Varginha/MG, e foi batizada como Maria Ernestina Carneiro Santiago Manso Pereira.

Quando tinha 25 anos, já advogada, entrou na justiça para que pudesse votar em si mesma para um mandato de deputada federal. Não se elegeu, mas tornou-se a primeira mulher a votar e ser votada no Brasil.

Ela fundou a Liga de Eleitoras Mineiras e serviu de inspiração para que o Partido Republicano do Rio Grande do Norte lançasse a candidatura da potiguar Luiza Alzira Soriano Teixeira. Esta sim, tornou-se a primeira mulher a ser eleita para um mandato político no Brasil, como prefeita do município de Lages/RN.

Além de advogada, Mietta era escritora. Mas foi outro autor, o também mineiro Carlos Drummond de Andrade, quem a tomou como inspiração para um poema:

*“Mietta Santiago
loura poeta bacharel
Conquista, por sentença de Juiz,
direito de votar e ser votada
para vereador, deputado, senador,
e até Presidente da República,
Mulher votando?
Mulher, quem sabe, Chefe da Nação?
O escândalo abafa a Mantiqueira,
faz tremerem os trilhos da Central
e acende no Bairro dos Funcionários,
melhor: na cidade inteira funcionária,
a suspeita de que Minas endoidece,
já endoideceu: o mundo acaba”.*



Almerinda Farias Gama

Almerinda Farias Gama foi uma das primeiras mulheres negras a atuar na política brasileira. Era, em suas palavras, “advogada consciente dos direitos das classes trabalhadoras, jornalista combativa e feminista de ação”. Uma alagoana valente, que venceu preconceitos, mas que a História ignorou.

Nascida em Maceió em 16 de maio de 1899, mudou-se aos 8 anos para Belém/PA para ser criada por uma tia, após a morte do pai. Na capital paraense, formou-se datilógrafa profissional. E, como escrevia bem, logo começou a publicar crônicas em um jornal.

Mas ela queria trabalhar em sua área de formação, e foi atrás de um emprego. Foi quando descobriu que a vaga que a interessava pagava 50% mais a datilógrafos, pelo simples motivo de pertencerem ao sexo masculino. Aquele episódio inflamou o espírito de Almerinda, que

a partir daí passou a lutar por equidade de direitos entre homens e mulheres.

Almerinda mudou-se para o Rio de Janeiro em 1929. Em pouco tempo, firmou-se na profissão e tornou-se presidente do Sindicato dos Datilógrafos e Taquígrafos. Desde aquele tempo, já percebia que o voto era o caminho para que a mulher conquistasse seu lugar nos espaços de poder, e se uniu ao movimento das sufragistas.

Em 1933, Almerinda tornou-se a única mulher a votar na Assembleia Nacional Constituinte como delegada classista (isto é, representante de uma classe trabalhadora). No ano seguinte, já formada em Direito, ela resolveu se candidatar a deputada federal. Suas bandeiras eram a independência econômica da mulher, a garantia legal do trabalhador e o ensino obrigatório e gratuito de todos os brasileiros em todos os graus. Pra frente, ela, né?

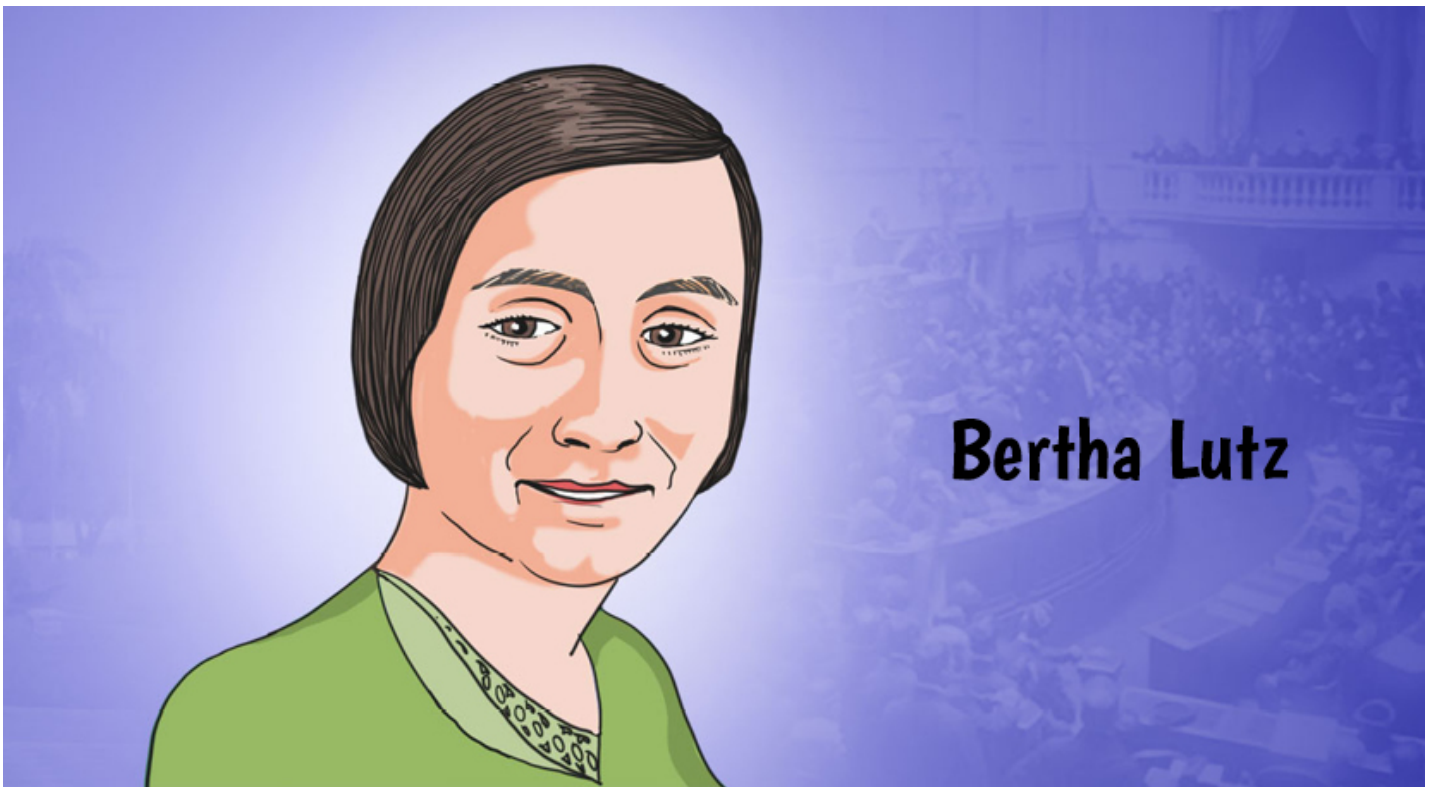
Almerinda infelizmente não foi eleita. Mas, com certeza, foi uma vencedora, quebrando barreiras, vencendo preconceitos e se fazendo ouvir.

Almerinda morreu com mais de 93 anos, no subúrbio carioca, sem deixar herdeiros. Mas, cada vez que uma menina negra se interessa por política, recebe as bênçãos e o encorajamento dessa mulher admirável.

Políticas

Se hoje as brasileiras buscam ocupar cada vez mais cadeiras nos plenários e tribunas, foi graças à luta de pioneiras corajosas. Conheça-as a seguir.





Bertha Lutz

Bertha Lutz era bióloga. Nascida em 1894, criou as bases do feminismo no Brasil, sendo o voto feminino uma das suas principais bandeiras.

Ela estudou Ciências Naturais na Universidade da Sorbonne, em Paris. Seu trabalho sobre anfíbios teve repercussão internacional. Descobriu várias espécies de anfíbios anuros (da família dos sapos, rãs e pererecas), além de uma espécie de lagartixa que leva seu sobrenome: *Liolaemus lutzae*.

Em 1919, passou num concurso público no Brasil. Tornou-se professora e pesquisadora do Museu Nacional, e foi a segunda mulher brasileira a assumir um cargo no serviço público.

Fundou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) em 1922. Foi membro da comissão redatora do Anteprojeto de Constituição, em 1932. Filiou-se ao Partido

Autonomista em 1933. No mesmo ano, formou-se em Direito na Faculdade do Rio de Janeiro.

Em 1934, foi eleita suplente para a Câmara dos Deputados. Assumiu o mandato em 1936, na vaga deixada pelo deputado Cândido Pessoa, falecido. Defendia, entre outras bandeiras, mudanças na legislação trabalhista com relação ao direito feminino e a equiparação de salários e direitos.

Bertha representou o Brasil em diversas conferências internacionais ligadas ao trabalho e ao direito das mulheres. Em 1951, foi premiada como título de “Mulher das Américas”.

Ela viveu até os 82 anos sem casar nem ter filhos, e faleceu em 1976, no Rio de Janeiro.





Carlota Pereira de Queiroz

Carlota fez história no Brasil porque foi a primeira mulher a ser deputada.

Carlota Pereira de Queiroz nasceu em 13 de fevereiro de 1892, em São Paulo. Pertencia a uma tradicional família da elite paulista. Seu avô por parte de pai era um rico proprietário de terras e participante do Partido Republicano Paulista (PRP). Seu avô materno era um importante líder político do Partido Conservador (PC).

Carlota era uma mulher à frente de seu tempo. Estudar, no início do século, era um privilégio dos homens, mas Carlota contrariou as regras: formou-se médica pela Universidade de Medicina do Rio de Janeiro e sempre exerceu sua profissão. Também foi escritora e pedagoga.

Nas eleições de 3 de maio de 1933, ela foi eleita deputada. Pela primeira vez em nossa história, uma mulher foi eleita para uma cadeira na Câmara dos Deputados. Participou dos trabalhos na Assembleia Nacional Constituinte, entre os anos de 1934 e 1935, e permaneceu na vida política até 1937. Carlota faleceu em 17 de abril de 1982.



Ivette Vargas

Cândida Ivette Vargas Martins era sobrinha-neta do ex-presidente Getúlio Vargas. Nasceu em 17 julho de 1927, na cidade de São Borja, no Rio Grande do Sul. Em 1950, tornou-se a segunda mulher eleita deputada federal no Brasil. Em seu mandato, assumiu uma posição de liderança, sendo determinada e conciliadora em seu trabalho.

Formou-se em Geografia, História e Letras Neolatinas pela Faculdade de Filosofia e Ciências e Letras do Instituto Santa Úrsula, no Rio de Janeiro. Trabalhou como professora e jornalista. Iniciou sua vida política em 1950, pelo PTB.

Ivette Vargas foi eleita deputada cinco vezes seguidas, de 1951 até 1971. Em 1968, teve seu mandato de deputada federal cassado e os direitos políticos suspensos por dez anos. Diante disso, só voltou à Câmara em 1983, onde permaneceu como deputada até a sua morte. Em 1978, com a volta dos partidos políticos, refundou o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), o antigo partido de seu tio-avô Getúlio Vargas.



Antonieta de Barros

Antonieta de Barros é daquelas pessoas que todo brasileiro e brasileira deveriam conhecer. Ela está entre as três primeiras mulheres eleitas no Brasil, e é a única negra entre elas.

Filha de uma escrava liberta e órfã de pai, Antonieta nasceu em Nossa Senhora do Desterro (atual Florianópolis) em 11 de julho de 1901. A mãe, lavadeira, também tocava uma pequena pensão para estudantes. Foi ali, com os jovens hóspedes, que a menina aprendeu a ler.

Aos 17 anos, Antonieta começou o magistério, um dos poucos cursos que aceitavam mulheres à época. Aos 20 anos, ela se formou professora de Português e Literatura, e aos 21, fundou o Curso Particular Antonieta de Barros, voltado à alfabetização de adultos carentes.

Antonieta tinha ideias muito à frente de seu tempo. Naquela época ela já defendia a bandeira da educação para todos. Para ela, alfabetizar era importantíssimo, mas não suficiente: era preciso dar à população pobre as condições para prosseguir nos estudos. Só assim

seria possível a construção de uma sociedade mais justa e menos desigual.

Tinha tanto a dizer que acabou se tornando cronista dos principais jornais catarinenses, assinando seus artigos com o pseudônimo Maria da Ilha. Escreveu mais de mil artigos em oito veículos e criou a revista Vida Ilhoa.

Tudo isso já seria impressionante para uma mulher, naquela época, e ainda por cima negra. Mas o movimento mais ousado de Antonieta de Barros ocorreria em 1934, dois anos depois da aprovação do voto feminino: ela se candidatou ao cargo de deputada estadual pelo Partido Liberal Catarinense e foi eleita!

Nas tribunas, a valente Antonieta fez valer a sua voz. Ela chegou a escrever dois capítulos da Constituição catarinense, referentes à Educação e Cultura e Funcionalismo, até ser destituída do cargo pelo golpe de Getúlio Vargas. Mas isso não a desanimou – em 1947, dois anos depois de Getúlio deixar o poder, ela voltou a ser eleita deputada estadual.

Em 1948, um projeto de lei de sua autoria formalizou o dia 15 de outubro como Dia do Professor e feriado escolar em Santa Catarina. A data seria oficializada no país inteiro em outubro de 1963, pelo presidente da República João Goulart.

Antonieta de Barros faleceu em 28 de março de 1952, mas seu sonho de um Brasil mais igualitário, com educação e trabalho para todos, segue mais vivo do que nunca.

Curiosidades

Catarina, mãe de Antonieta, trabalhou na casa de Vidal Ramos, um importante político catarinense. Os Ramos gostavam muito de Catarina e facilitaram a entrada de Antonieta na política.

O filho de Vidal, Nereu Ramos, foi um importante deputado federal. Ele dá nome a um dos auditórios da Câmara dos Deputados, em Brasília.



Cientistas

Não há nada mais antigo e ultrapassado do que o mito de que ciência não é para mulheres. Ainda assim, ele persiste no meio acadêmico. Conheça mulheres que ignoraram essa crença e que se tornaram cientistas brilhantes.





Nise da Silveira foi uma médica psiquiatra que revolucionou o tratamento para pessoas com transtornos mentais.

Nascida em Maceió, em 15 de fevereiro de 1905, era a estudiosa filha de uma pianista e de um professor de matemática.

Formou-se na Faculdade de Medicina da Bahia em 1926 – a única mulher numa turma de 157 alunos.

Quando começou a trabalhar num hospital psiquiátrico, Nise foi contra as formas agressivas de tratamento, como o isolamento e o eletrochoque. Muitas vezes, os doentes mentais sofriam maus-tratos e rejeição, e não eram vistos como seres humanos. Nise passou a cuidar deles, descobrindo diversas maneiras de dar-lhes voz e dignidade.

Arte, animais e saúde mental

Uma das descobertas de Nise foi o uso da arte como forma de expressão dos pacientes, que nem sempre conseguiam se comunicar por meio de palavras. Ela observou que muitos deles desenhavam mandalas (formas circulares), e resolveu escrever para Carl Jung, respeitado psicólogo suíço. Jung sugeriu que ela fizesse uma mostra das obras dos pacientes, exibida também na Suíça. Hoje, o prédio do instituto que leva o nome de Nise, no Rio de Janeiro, abriga mais de 350 mil obras (“imagens do inconsciente”) de artistas com problemas mentais.

Nise também foi pioneira na pesquisa sobre o auxílio que os animais podem oferecer aos pacientes, por meio de vínculos emocionais. Durante o Estado Novo, Nise foi presa, acusada de comunismo, que na época era proibido. Nise foi uma mulher bem à frente de seu tempo, reconhecida internacionalmente por sua postura humanista e pela inestimável contribuição para a psiquiatria, com livros e artigos científicos.

Esta é uma de suas recomendações: “Todo mundo tem um pouco de loucura. Vou lhes fazer um pedido: vivam a imaginação, pois ela é a nossa realidade mais profunda”.

Ela morreu no Rio de Janeiro, em 1999.



Mayana Zatz é uma bióloga molecular e geneticista conhecida em todo o mundo por suas pesquisas pioneiras nos campos de doenças neuromusculares e de células-tronco.

Nascida em Tel Aviv, Israel, em 1947, Mayana migrou com sua família para São Paulo quando tinha apenas 8 anos de idade. Desde criança, já se interessava por biologia e achava “o máximo essa coisa de ser cientista, os livros, as plantas e a genética”.

Mayana cursou biologia pela Universidade de São Paulo (USP), onde teve o primeiro contato com genética humana. Formou-se em 1968, e no ano seguinte iniciou um trabalho de aconselhamento genético de famílias portadoras de doenças neuromusculares.

Ainda pela USP, tornou-se mestra e doutora em genética, em 1970 e em 1974, respectivamente. Entre 1975 e 1977, fez pós-doutorado pela Universidade da Califórnia (UCLA).

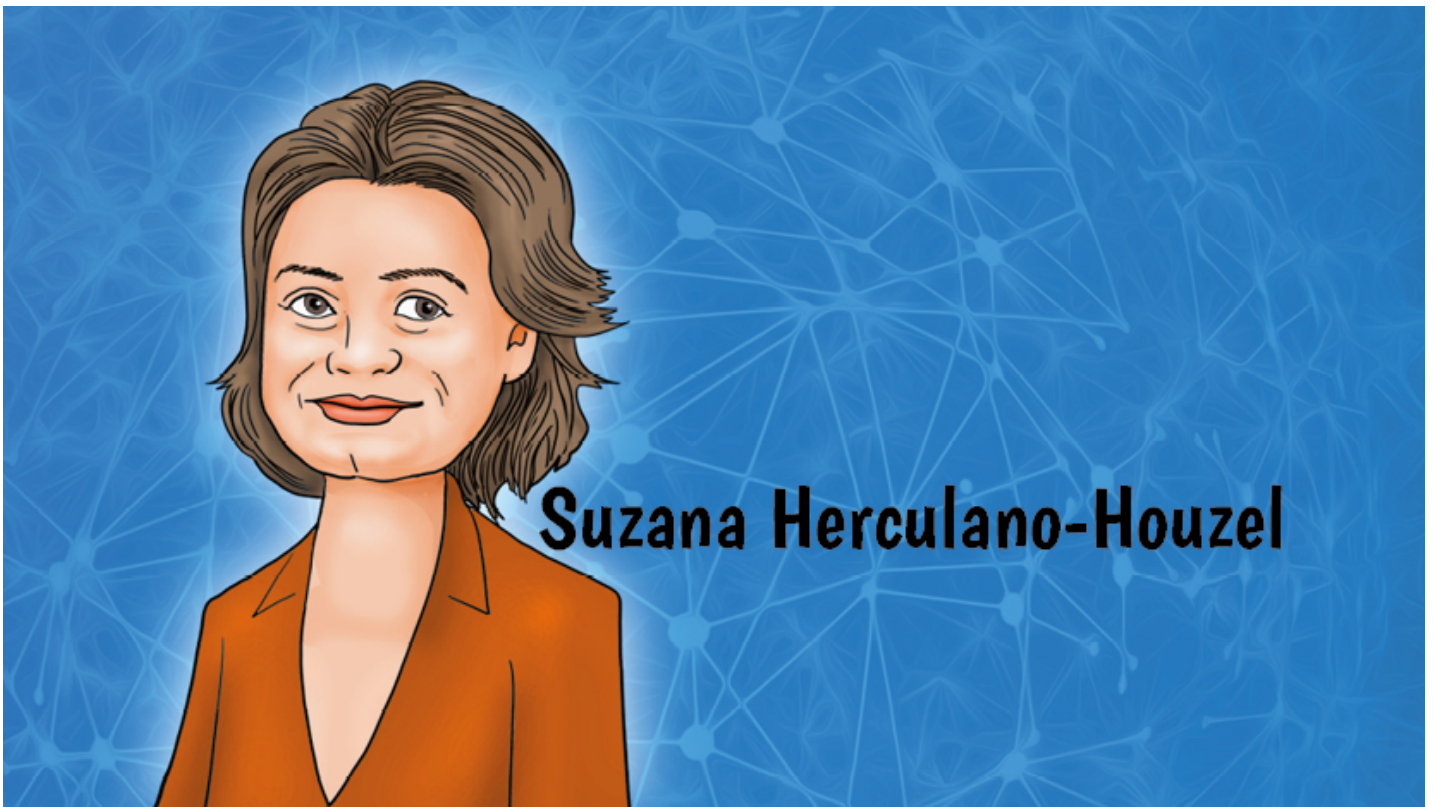
De volta ao Brasil, Mayana fundou a Associação Brasileira de Distrofia Muscular (ABDIM), entidade que proporciona mais qualidade de vida a centenas de pacientes e seus familiares, principalmente àqueles que possuem baixa renda familiar.

Membro da Academia Brasileira de Ciências desde 1996, já ganhou vários prêmios e condecorações, tais como a Ordem Nacional de Grã-Cruz de Mérito Científico, o Prêmio L'Óreal/Unesco para Mulheres na Ciência, o Prêmio TWAS em Pesquisa Médica e o Prêmio México de Ciência e Tecnologia, entre outros.

Hoje em dia, Mayana dirige o Centro de Pesquisas do Genoma Humano e Células-tronco na instituição. Entre suas valiosas contribuições científicas está a identificação e mapeamento de genes responsáveis por síndromes humanas raras.

Saiba mais – doenças neuromusculares

São doenças que afetam o sistema nervoso periférico, isto é, os músculos, as junções neuromusculares (estruturas que conectam os nervos aos músculos) e nervos periféricos. Embora não costumem causar alterações nas funções cerebrais (consciência, memória, raciocínio e linguagem), trazem dificuldades de locomoção e de execução de tarefas cotidianas.



Suzana Herculano-Houzel é uma professora e pesquisadora brasileira que se especializou em desvendar os mistérios do cérebro humano.

Nascida em 1972, no Rio de Janeiro, ela sempre foi muito curiosa. Com quatro anos, pediu à madrinha, que era professora primária, para ensiná-la a ler. Com cinco anos, entrou na primeira série, já alfabetizada.

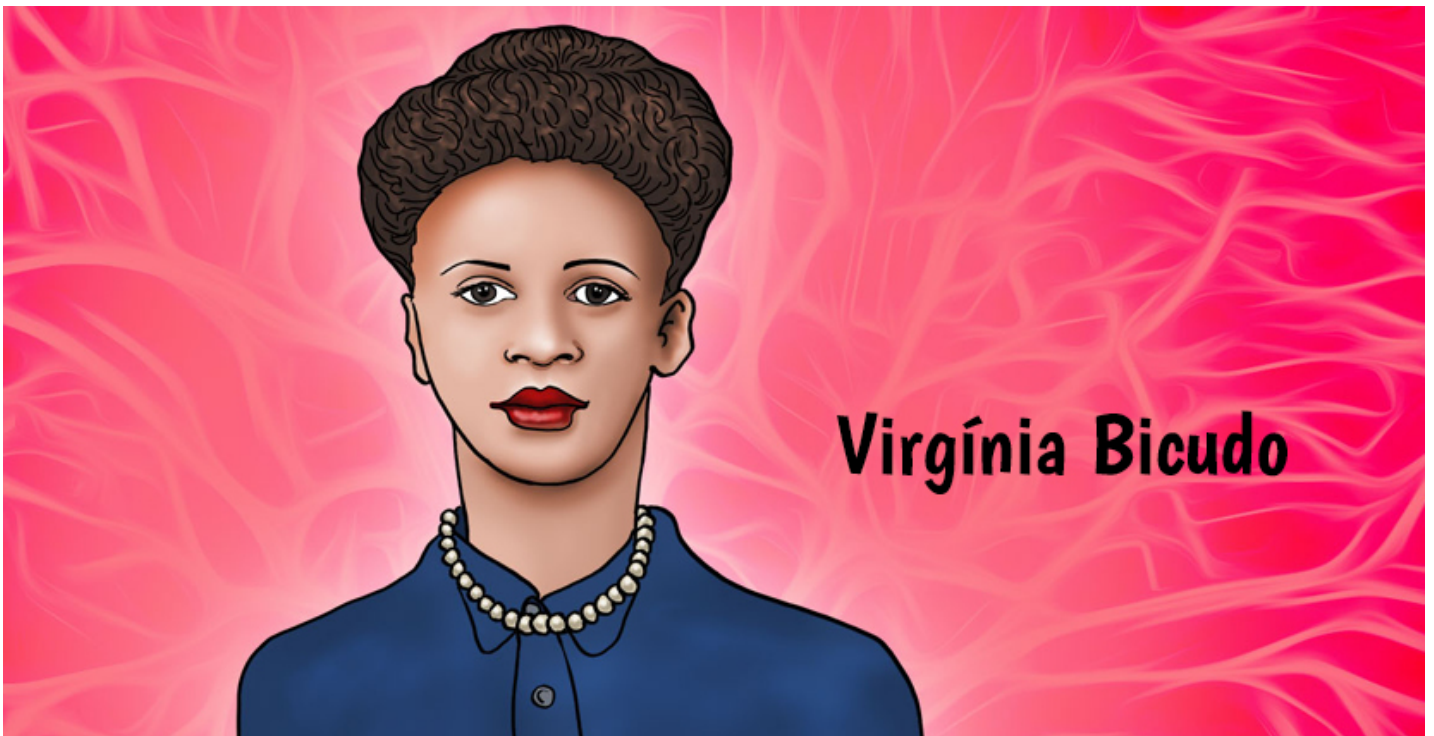
O ingresso na faculdade também foi precoce: aos 16 anos, Suzana começou a cursar biologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Aos 19 anos, recém-formada, foi estudar genética em Cleveland, nos EUA; porém, se apaixonou pela neurociência e concluiu o doutorado entre França e Alemanha.

Suzana ficou muito famosa no mundo inteiro por seus estudos relacionados ao cérebro humano, sua anatomia e funções, e também pelos estudos comparados entre o nosso cérebro e o de animais.

Mas, aqui no Brasil, ela ficou conhecida mesmo por traduzir para o público leigo as descobertas da neurociência. Ela já teve colunas em grandes jornais e em revistas, já teve quadro em programa de TV e escreveu vários livros não destinados à comunidade científica.

Já recebeu críticas de colegas por sua iniciativa de simplificar conceitos científicos complexos para o cidadão comum. “Acho que a vocação da ciência é de autoajuda, no sentido de desenvolvimento pessoal, de ter informações para viver melhor”, resume ela.

Hoje, Suzana mora nos EUA e trabalha para a Universidade de Vanderbilt. Às meninas que se interessam por ciência, ela garante: “Dizer que homem é melhor em matemática ou raciocínio espacial é besteira. Acho que é só motivação”. “Se você passa confiança para as meninas desde a escola, se incute nelas a ideia de que são tão boas quanto os rapazes da turma, vai encontrar um desempenho ótimo”, completa.



Talvez você ainda não tenha ouvido falar dela, mas deveria: Virgínia Leone Bicudo foi a primeira psicanalista não-médica do Brasil, e uma pioneira no estudo das relações sociais e do racismo no País.

Nascida em São Paulo no dia 21 de novembro de 1910, neta de uma mulher escravizada alforriada e filha de uma imigrante italiana, ela buscou na ciência defesas para lidar com o racismo.

O primeiro contato com o preconceito racial deu-se quando ainda era menina. Pequena, ela ficava apenas com a família e era chamada de Virgínia. Mas, ao começar a frequentar a escola e conviver com outras crianças, teve um choque – passou a ser ‘negrinha’, e sua cor tornou-se motivo para discriminação.

“Não foi por acaso que procurei psicanálise e sociologia. Veja bem o que fiz: eu fui buscar defesas científicas para o íntimo, o psíquico, para conciliar a pessoa de dentro

com a de fora. Fui procurar na sociologia a explicação para questões de status social. E, na psicanálise, proteção para a expectativa de rejeição. Essa é a história”, disse Virgínia, em uma entrevista de 1998.

De educadora sanitária a psicanalista

Virgínia formou-se em Educação Sanitária em 1935 e, em seguida, matriculou-se na recém-criada Escola Livre de Sociologia e Política. Era a única mulher da turma. No segundo ano do curso, conheceu a psicologia social e Sigmund Freud. Foi o suficiente para despertar o desejo de se tornar psicanalista. Procurou, então, quem pudesse ensiná-la mais sobre o assunto, e chegou ao professor Durval Marcondes, que em 1927 havia fundado a Sociedade Brasileira de Psicanálise.

Recém-formada em Sociologia, ela iniciou uma parceria com Marcondes na própria Escola Livre, lecionando disciplinas de higiene mental e psicanálise. Em 1937, candidatou-se a membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), sendo aprovada como membro efetivo em 1945. Naquele momento, ela se tornou primeira psicanalista sem formação médica no Brasil.

Tal pioneirismo não se deu sem resistência: muita gente lutou contra a entrada de Virgínia nesse seletto grupo. Chamaram-na de charlatã e desmereceram seu trabalho. Mas ela não se deixou abater e seguiu em frente, divulgando e difundindo a psicanálise no Brasil.

Extrovertida e comunicativa, ela chegou a ter um programa

de rádio onde tratava de temas como inconsciente, inveja, agressividade, ciúmes, amor e ódio, tudo em forma de radioteatro.

O tempo passou e, em 1962, as mesmas pessoas que a rejeitaram antes, a elegeram diretora do Instituto de Psicanálise da SBPSP. E ela permaneceu no cargo por 14 anos!

Estudos sobre o racismo

Em 1942, Virgínia começou um mestrado na Escola Livre de Sociologia e Política. Com a dissertação "Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo", primeira sobre o tema defendida no Brasil, ela mostrou que, mesmo quando as diferenças sociais diminuem, o preconceito racial permanece.

Virgínia Bicudo foi uma das figuras mais importantes na implantação e desenvolvimento da psicanálise no Brasil. Ela manteve o trabalho clínico e o envolvimento com a área da psicanálise até três anos antes de seu falecimento, em 2003.

Escritoras

Ao pensar em grandes nomes da literatura brasileira, é muito comum que as pessoas se lembrem primeiro de autores, e não de autoras. Mas é hora de isso mudar: conheça e valorize as autoras brasileiras! Melhor ainda: torne-se você uma autora!





Maria Firmina dos Reis é considerada a primeira romancista brasileira. Menina, negra e bastarda, nasceu em 11 de março de 1822, na Ilha de São Luís, no Maranhão. Foi registrada como filha de João Pedro Esteves e Leonor Felipe dos Reis.

Ainda criança, em 1830, mudou-se para a casa de uma tia que tinha melhores condições financeiras e vivia na Vila de São José de Guimarães. Lá, teve contato inicial com a literatura e, segundo a própria escritora, recebeu ajuda do tio Francisco Sotero dos Reis, que era escritor, e a quem afirmava dever sua cultura. Aos poucos, à medida que conhecia outros autores, apaixonava-se pela escrita.

Pionerismo

Firmina foi a primeira mulher a ser aprovada em um concurso público no Maranhão. Ocupou o cargo de professora de primário, em 1847, e conseguia se sustentar sozinha, o que era incomum e mal visto para uma mulher daquela época.

Como professora, alcançou grande respeito. Em 1859, lançou *Úrsula*, seu primeiro romance. Foi a primeira obra brasileira a se posicionar contra a escravidão. Maria Firmina fez deste livro uma ferramenta de crítica e, por meio de seus personagens, deu voz ao negro para que ele contasse sua própria história. O romance provocou e provoca importantes reflexões sobre o lugar da mulher e do negro na sociedade daquela época.





Cecília Meireles

Cecília Meireles foi uma grande escritora, uma das maiores do Brasil. Tinha um carinho todo especial pelas crianças, mas também se dedicou a escrever poemas para os adultos.

Ela nasceu no Rio de Janeiro, em 7 de novembro de 1901. O começo de sua vida foi marcado por tragédias: o pai morreu antes do seu nascimento; a mãe, quando ela tinha três anos. Os três irmãos também faleceram. Por isso, foi criada sozinha, pela avó materna.

Na infância, sentia-se muito só. As crianças a chamavam para brincar, mas a avó nunca deixava, tinha medo que sua menina adoecesse.

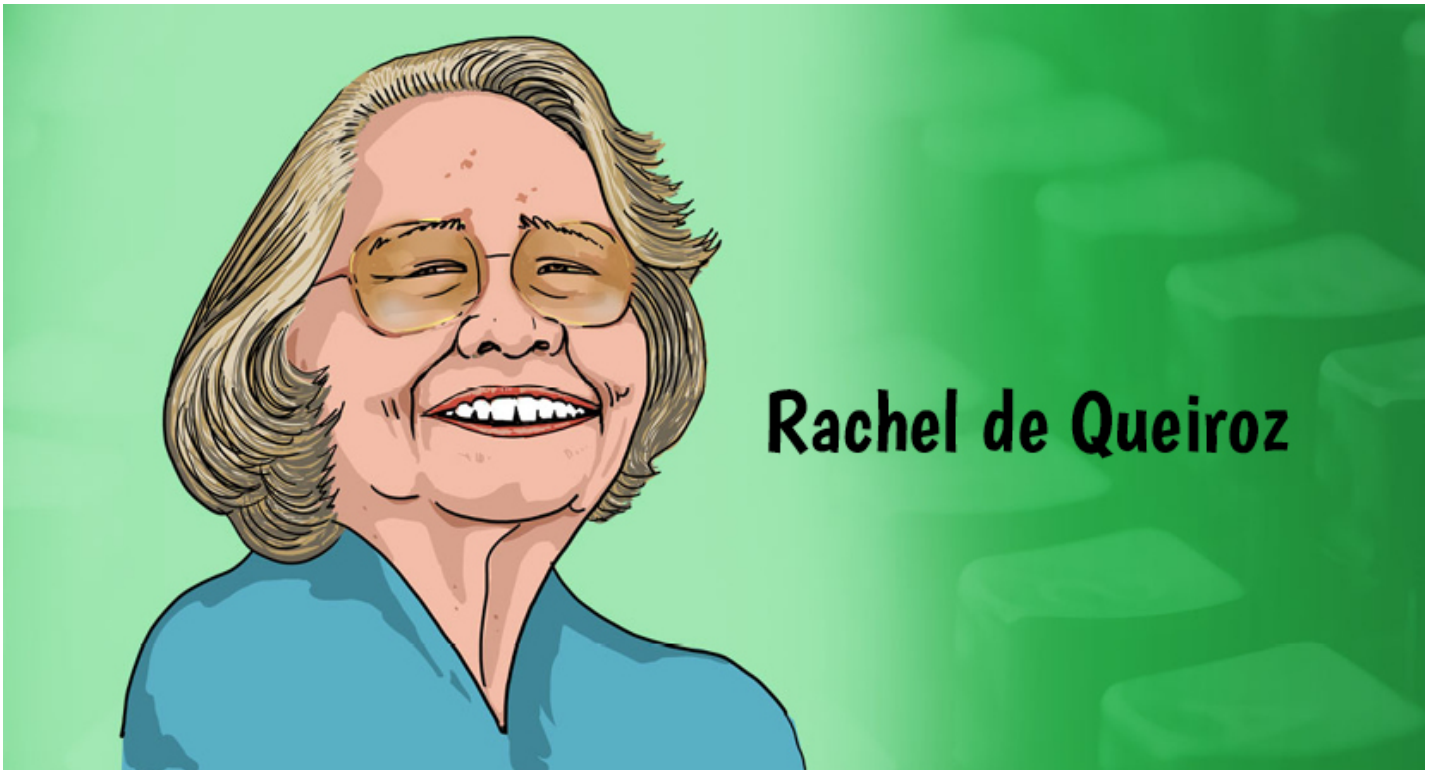
Cecília era estudiosa e adorava ler. Aos nove anos, escreveu seus primeiros versos. Interessou-se também pela música e começou a aprender canto, violão e violino.

Aos 16 anos, formou-se professora. Lançou seu primeiro livro, chamado Espectros, com 18 anos.

Ao longo de sua caminhada de poetisa, jornalista, cronista e contadora de histórias, Cecília Meireles dedicou-se à educação, estudou o folclore, comandou um programa sobre literatura no rádio, viajou pelo mundo e lançou dezenas de livros. Em 1934, realizou um sonho: fundou a primeira biblioteca infantil do Brasil, no pavilhão Mourisco, em Botafogo, no Rio de Janeiro.

Ela faleceu no Rio de Janeiro em 9 de novembro de 1964, deixando três filhas e um legado inestimável para a literatura brasileira.





Rachel de Queiroz é uma prestigiada escritora brasileira que foi precoce em tudo. Ela nasceu no Ceará em 17 de novembro de 1910 e formou-se professora com apenas 15 anos.

Como presenciava a seca que assolava a sua terra naquela época, com 20 anos escreveu uma de suas maiores obras, o livro "O Quinze", que aborda a triste realidade dos retirantes que fugiam da seca nordestina. Pelo livro, ela recebeu um prêmio da Fundação Graça Aranha e a obra ficou conhecida nas maiores capitais.

Ao longo da vida, Rachel de Queiroz escreveu muitos livros, foi tradutora, autora de peças de teatro, professora e jornalista, ou seja, teve uma vida dedicada às letras. Também escreveu deliciosos livros infantis, como "O menino mágico", vencedor do Prêmio Jabuti de Literatura Infantil em 1969, "Andira" e "Cafute & Pena-de-prata". Esses livros foram inspirados nas histórias que ela contava para os netos.

Foi a primeira brasileira a entrar para a Academia Brasileira de Letras.

Ela morreu aos 92 anos, dormindo em sua rede.





Clarice Lispector

Você sabia que Clarice Lispector, uma das maiores escritoras brasileiras, não nasceu no Brasil? Nasceu na Ucrânia, em 10 de dezembro de 1920, e seu nome de batismo era Haia.

Ela desembarcou no Brasil com os pais e as duas irmãs aos dois anos de idade, e logo foi rebatizada com o nome que carregaria pelo resto da vida: Clarice.

Desde muito jovem, em Recife/PE, revelava seu amor pelas letras. Aos 10 anos, escreveu sua primeira peça em três atos. Aos 11, enviou vários contos ao Diário de Pernambuco. Ela gostava muito de Monteiro Lobato, cuja obra conheceu aos 12 anos.

Aos 15 anos, Clarice mudou-se com a família para o Rio de Janeiro. Aos 19, ingressou na Faculdade Nacional de Direito – não por gosto, mas para conseguir um emprego fixo e, assim, poder se dedicar aos seus escritos. Começou a trabalhar profissionalmente como jornalista em 1940.

Clarice foi casada com um diplomata por 15 anos, e com ele teve dois filhos. Durante o período que permaneceram juntos, ela viajou o mundo para acompanhar o marido. Moraram na Itália, na Suíça, na Inglaterra e nos Estados Unidos.

Ela voltou a residir definitivamente no Brasil em 1959, junto com seus filhos, quando se separou do marido.

Clarice faleceu em 1977, um dia antes de completar 57 anos, nos deixando muita saudade e uma vasta obra literária composta de romances, novelas, contos e crônicas.

Aliás, sabia que ela também escreveu para crianças? O primeiro de seus livros infantis foi "O mistério do coelhinho pensante", que ela criou para o filho caçula. Para o mais velho, escreveu "A mulher que matou os peixes". Também são dela "A vida íntima de Laura" e "Quase de verdade".





Ruth Rocha

A autora de *Marcelo, Marmelo, Martelo*, que apresentou a gerações de brasileirinhos o prazer de ler, foi, ela mesma, uma apaixonada por livros.

Ruth Machado Lousada Rocha ou, simplesmente, Ruth Rocha, nasceu em São Paulo/SP no dia 2 de março de 1931. Seu encontro definitivo com a literatura, ainda criança, foi com as histórias de Monteiro Lobato. Na adolescência, devorava as obras de mestres como Machado de Assis, Manuel Bandeira, Fernando Pessoa e Guimarães Rosa.

De leitora a escritora, foi um pulo, certo? Não foi bem assim. Ruth primeiro formou-se em Ciências Políticas e Sociais, com pós-graduação em Orientação Educacional. Entre 1956 e 1972, trabalhou como orientadora educacional no Colégio Rio Branco.

Foi nessa época – mais precisamente, em 1968 – que ela começou a escrever sobre educação para a revista Cláudia, da Editora Abril. Logo foi convidada a colaborar também com a revista Recreio, da mesma editora, voltada ao público infantojuvenil. Foi lá que ela publicou suas primeiras histórias para crianças.

Em 1973, Ruth Rocha assumiu a direção editorial da Divisão Infantojuvenil da Abril. Três anos depois, lançou seu primeiro livro: Palavras, Muitas Palavras. Ainda em 1976, publicou seu grande sucesso: Marcelo, Marmelo, Martelo e Outras Histórias, que teve mais de 70 edições e vendeu mais de 20 milhões de exemplares.

Uma autora revolucionária

Num tempo em que as histórias infantis eram povoadas por mocinhos e vilões, com finais em que o bem triunfava e o mal era punido de forma exemplar, Ruth fez uma verdadeira revolução. Suas obras contavam a vida de gente como a gente, com virtudes e defeitos. Os finais não impunham uma moral, mas convidavam à reflexão e ao pensamento crítico. Além disso, com suas histórias sobre reizinhos, ela criticou corajosamente o autoritarismo, em plena ditadura.

Defensora dos direitos das crianças, Ruth Rocha escreveu, em parceria com Otávio Roth, a Declaração Universal dos Direitos Humanos Para Crianças, lançada na sede da Organização das Nações Unidas em Nova Iorque, em 1988.

Uma carreira longa e bem sucedida

Em mais de 50 anos de carreira, Ruth teve mais de duzentos títulos publicados e já foi traduzida para vinte e cinco idiomas. Também assinou a tradução de uma centena de títulos infantojuvenis e foi co-autora de vários livros didáticos.

Recebeu prêmios da Academia Brasileira de Letras, da Associação Paulista dos Críticos de Arte, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, além do prêmio Santista (da Fundação Bunge), o prêmio de Cultura da Fundação Conrad Wessel, a Comenda da Ordem do Mérito Cultural e oito prêmios Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro.

Está achando que ela pensa em parar e curtir uma merecida aposentadoria? Que nada! Em 2020, Ruth lançou, em parceria com a filha Mariana Rocha, o Almanaque do Marcelo – e da Turma da Nossa Rua. E tem mais projeto em andamento: um livro sobre a evolução das espécies e a adaptação de Marcelo, Marmelo, Martelo para o formato audiovisual.



Carolina Maria de Jesus

Carolina Maria de Jesus nasceu em Sacramento, no interior de Minas Gerais, em 14 de março de 1914. Neta de escravos e filha de uma lavadeira analfabeta, cresceu em uma família muito pobre, com mais sete irmãos.

Por incentivo de uma freguesa de sua mãe, teve a chance de frequentar a escola por dois anos. Foi pouco tempo, mas o suficiente para que ela se apaixonasse pelas letras de forma definitiva. Veio daí o seu hábito de ler tudo o que caísse em suas mãos, e de registrar sua vida, pensamentos e percepções por escrito.

Aos 23 anos, Carolina mudou-se para a capital paulista. Durante algum tempo, trabalhou como doméstica. Depois passou a ser catadora de material reciclável.

Em 1941, Carolina experimentou pela primeira vez o prazer de ver seus textos publicados. Ela enviou a um jornal um poema em homenagem a Getúlio Vargas

e conseguiu vê-lo impresso, junto com sua foto. Mandou outro, e mais outro, e logo ficou conhecida como “a poetisa negra”.

Apesar disso, ela não tinha uma vida fácil. Moradora da favela do Canindé, tirava do lixo, sozinha, o sustento dos três filhos, frutos de três relacionamentos diferentes. Casar, ela não queria – um marido poderia tolher seu desejo de ler e escrever.

Enfim, escritora

Em 1958, tudo mudou. Audálio Dantas, jornalista da Folha da Noite, foi ao Canindé para fazer uma reportagem sobre as difíceis condições de quem morava lá e, por acaso, escolheu a casa de Carolina para visitar.

Audálio ficou encantado com a história da catadora de lixo que amava ler e escrever, e impressionadíssimo com todo o material que ela reunia em mais de vinte cadernos totalmente preenchidos. Começou a publicar trechos daqueles escritos no jornal. O sucesso foi tanto que os textos foram parar também na revista O Cruzeiro.

E então, em 1960, com edição de Audálio Dantas, foi publicado o livro autobiográfico “Quarto de despejo: diário de uma favelada”. O livro tornou-se um best-seller, com 3 milhões de exemplares vendidos e tradução para 16 idiomas. Carolina conquistou a admiração de estrelas da literatura, como Clarice Lispector. Foi homenageada pela Academia Paulista

de Letras e pela Academia de Letras da Faculdade de Direito de São Paulo. Na Argentina, recebeu a Orden Caballero Del Tornillo.

Graças a “Quarto de despejo”, Carolina conseguiu sair da favela com os filhos. Ela continuou publicando livros, mas eles não tiveram uma recepção tão boa quanto o primeiro. Quando morreu, em 13 de fevereiro de 1977, tinha sido praticamente esquecida pelo mercado editorial.

Carolina teve várias de suas obras publicadas postumamente. Foi objeto de diversas biografias e tema de muitos trabalhos acadêmicos. Em 25 de fevereiro de 2021, recebeu o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 25 de fevereiro de 2021.

Carolina ousou sonhar para além do que se esperava de uma mulher, negra e favelada. Que seu exemplo continue fazendo brotar escritoras em qualquer ambiente, por mais inóspito que seja.

Sobre Casa de despejo: diário de uma favelada

Com linguagem simples e sem preocupação com regras gramaticais, Casa de despejo retrata a vida extremamente sofrida de Carolina e de seus filhos na favela do Canindé, e revela uma narradora de olhar afiado e crítico. A fome, a miséria e a discriminação por ser mulher, negra, mãe solo e pobre permeiam todas as páginas. É uma leitura difícil, mas transformadora.

Artistas

Por séculos, a expressão artística foi um privilégio reservado aos homens - mulheres 'decentes' não frequentavam ateliês ou palcos. Felizmente, no Brasil, várias desbravadoras venceram os preconceitos e provaram o seu talento.





Chiquinha Gonzaga

A compositora Chiquinha Gonzaga, autora de mais de duas mil músicas de gêneros diferentes, foi a primeira mulher a reger uma orquestra no Brasil.

Chiquinha foi a primeira compositora popular do País. É dela a primeira marchinha de carnaval, "Ô, Abre Alas" (1899), famosa até hoje. Ainda escreveu músicas para peças de teatro e compôs estilos variados, como polcas, valsas, tangos e canções.

Uma compositora precoce

Francisca Edwiges Neves Gonzaga nasceu em 17 de outubro de 1847. Neta de uma escrava, mas filha de um militar de alta patente, Chiquinha teve como padrinho o Duque de Caxias, e foi educada pelos professores mais gabaritados do Rio de Janeiro na época.

Na música, teve aulas com o Maestro Alias Álvares Lobo e, ainda criança, aos 11 anos, compôs sua primeira obra: a música "Canção dos Pastores", feita para a noite de natal em família, em 1858.

Uma mulher à frente de seu tempo

Aos 16 anos, Chiquinha foi forçada por seu pai a se casar com um oficial da Marinha Mercante, com quem teve três filhos. O casamento, contudo, durou apenas seis anos – Chiquinha pediu a separação diante da recusa do marido em aceitar sua carreira musical.

A profissão de musicista, naquela época, não existia. Mas isso não a deteve. Determinada, Chiquinha venceu preconceitos e tornou-se financeiramente independente, dando aulas de piano e fazendo apresentações em bailes.

No ambiente boêmio em que circulava, Chiquinha conheceu um engenheiro de estradas de ferro e passou a viver com ele. Juntos, tiveram uma filha, mas também se separaram, devido à infidelidade dele.

Aos 52 anos, quando já era uma artista consagrada, novo escândalo: Chiquinha conheceu o aprendiz de músico João Batista Fernandes Lage, que tinha apenas 16 anos. O jovem tornou-se seu companheiro, com quem ela viveu pelo resto da vida.

Chiquinha também se envolveu com a política, lutando pela abolição da escravidão e pelo fim da monarquia. Vendeu composições de porta em porta para libertar o escravo músico José Flauta.

Ela morreu em 1935, aos 87 anos. Seu aniversário é lembrado como o Dia Nacional da Música Popular Brasileira desde a sanção da Lei N° 12.624, de 9 de maio de 2012.



Tarsila do Amaral

Tarsila do Amaral foi uma das mais importantes artistas plásticas do Brasil. Sua obra mais famosa, o quadro *Abaporu*, é ícone do movimento modernista nacional.

Tarsila nasceu em 1º de setembro de 1886 em Capivari, interior de São Paulo, e passou a infância nas fazendas do pai. De família rica, a jovem estudou em boas escolas e concluiu os estudos na Europa.

Ainda na adolescência, produziu sua primeira obra – *Sagrado Coração de Jesus* –, quando estudava num colégio interno, em Barcelona.

Ela estudou arte em Paris, na Academia Julian e na Émile Renard. Também conheceu Pablo Picasso, aproximando-se do artista Fernand Léger, com quem aprendeu várias técnicas de pintura.

Em 1922, Tarsila do Amaral conheceu Anita Malfatti, Menotti Del Picchia, Mário de Andrade e Oswald de

Andrade – junto com eles, ela encabeçaria o movimento modernista brasileiro.

Foi em 1924, durante uma viagem a Minas Gerais, que Tarsila descobriu as cores vivas, as paisagens brasileiras e, assim, iniciou uma fase de sua pintura conhecida como Pau-Brasil.

Em outubro de 1926, ela se casou com Oswald de Andrade, e em 1928 ela pintou o icônico Abaporu, que significa “o homem que come”, dado de presente ao seu marido.

Tarsila teve a sua primeira exposição individual no Brasil em 1929, no Rio de Janeiro.

Foi declarada a pintora mais representativa da primeira fase do Modernismo no Brasil e condecorada com o Prêmio de Pintura Nacional na I Bienal de São Paulo, em 1951.

Por sentir muitas dores na coluna, em 1965, ela passou por uma cirurgia que, por um erro médico, a deixou paraplégica. No ano seguinte, Tarsila perdeu sua única filha e se aproximou do espiritismo, ficando amiga de Chico Xavier.

Tarsila faleceu em São Paulo, em 17 de janeiro de 1973. Ela deixou diversos trabalhos espalhados pelo mundo e um legado que sempre será lembrado.





É bem provável que você já tenha visto na televisão imagens de uma cantora alegre, com bananas equilibradas na cabeça, sapatos de plataforma bem altos, dançando e entoando a música “O que é que a baiana tem”. Essa artista é Carmen Miranda!

Maria do Carmo Miranda da Cunha nasceu em 1909 numa província de Portugal, mas logo se tornou uma legítima representante verde-amarela. A pequena veio para o Brasil com menos de um ano de idade e foi criada no Rio de Janeiro. Ganhou o apelido de Carmen no Brasil, pois seu pai adorava óperas, e a ópera chamada Carmen, de Georges Bizet, era uma de suas preferidas.

Sua estreia nos palcos cariocas foi um sucesso. O compositor conhecido da época, Josué de Barros, quando a viu percebeu seu potencial e resolveu investir em sua carreira. Ele pagava cursos de canto e de pronúncia e encaminhava Carmen para todas as rádios e gravadoras.

E esse esforço não foi em vão. Logo, logo, ela conseguiu gravar seu primeiro disco.

O grande sucesso veio a partir de 1930, quando gravou a marchinha “Pra Você Gostar de Mim” de Joubert de Carvalho. Antes do fim do ano, já era apontada pelo jornal O País como “a maior cantora brasileira”.

Entre as décadas de 1930 e 1950, Carmen trabalhou no rádio, no teatro de revista, no cinema e na televisão. Descoberta por um empresário norte-americano enquanto cantava “O que é que a baiana tem”, com o conjunto Bando da Lua, fez uma bem-sucedida carreira no exterior. Chegou a receber o maior salário até então pago a uma mulher nos Estados Unidos!

Carmen Miranda conquistou uma consagração jamais vista por uma artista brasileira fora do Brasil. Seu estilo influenciou até o Tropicalismo, movimento cultural surgido no País no final da década de 1960.

Com 1,53m de altura, Carmen Miranda era uma mulher baixinha. Para parecer um pouco maior, gostava de usar aqueles saltos altos, de plataforma. Por causa disso, o radialista César Ladeira a batizou carinhosamente de “A pequena notável”.

A pequena notável morreu de ataque cardíaco no dia 5 de agosto de 1955, aos 46 anos de idade. Mas certamente continua bem viva na cultura nacional.



Marianne Peretti é uma artista plástica franco-brasileira, considerada a mais importante vitralista do Brasil. Ela ficou conhecida por ser a única mulher a integrar a equipe de artistas do arquiteto Oscar Niemeyer na construção de Brasília.

Filha de um historiador pernambucano e de uma modelo francesa, Marie Anne Antoinette Hélène Peretti nasceu em Paris, em 13 de dezembro de 1927.

Desde pequena, Marianne só pensava em arte. Foi expulsa de duas escolas porque fugia sempre das aulas para pintar. Aos 15 anos, começou a frequentar a École Nationale Supérieure des Arts Décoratifs e, mais tarde, a Académie de La Grande Chaumière. Naquele tempo, ela ganhava algum dinheiro fazendo charges para jornais.

Conheceu seu marido durante uma viagem de navio entre o Rio de Janeiro. Casou-se com ele e mudou-se para São Paulo em 1953. Na bagagem, já levou prestígio artístico:

em sua primeira exposição individual, no ano anterior, recebeu muitos elogios da crítica e, até mesmo, do gênio surrealista Salvador Dalí.

No Brasil, o trabalho de Marianne foi ganhando espaço e reconhecimento – ela participava de bienais e realizava exposições individuais e coletivas pelas capitais brasileiras. Também criava esculturas, vitrais e relevos para edifícios públicos e residências particulares.

Ousadia recompensada

Marianne era fascinada pelo trabalho de Oscar Niemeyer. Quando soube que ele seria responsável pelo projeto das edificações da capital federal, ela ousou: aproveitou a escala de um voo no Rio de Janeiro e foi até o escritório do arquiteto. Bateu na porta e pediu para trabalhar com ele.

Deu certo: três meses depois, ela estava trabalhando nos vitrais dos principais monumentos da cidade, integrando uma equipe formada por artistas renomados como Athos Bulcão, Alfredo Ceschiatti e Roberto Burle Marx.

Um trabalho meticuloso

Em Brasília, Marianne fez vitrais para a Câmara dos Deputados, o Panteão da Pátria, o Superior Tribunal de Justiça, o Memorial JK e o Palácio do Jaburu. Mas, certamente, o mais grandioso de todos foi o da Catedral Metropolitana de Brasília.

Naquele tempo, não havia computador para facilitar os trabalhos. Assim, Marianne projetava à mão, com

centenas de folhas de papel vegetal e canetinha, cada um dos 16 vitrais da Catedral. Eles eram enormes: mediam 30 m x 10 m. Ela só conseguia desenhá-los no piso de um ginásio!

Foi um trabalho exaustivo, mas o resultado compensou: a Catedral é, até hoje, a obra de que ela mais gosta. E a preferida por boa parte dos turistas que visitam Brasília!

Marianne vive até hoje no Brasil, em Olinda, num casarão onde funciona também o ateliê-fábrica de onde saem seus vitrais e as grandes esculturas em resina.





Dulcina de Moraes

Dulcina de Moraes é considerada a maior atriz de teatro brasileira de todos os tempos. Os números impressionam: ela estrelou 121 peças e dirigiu 93, todas elas grandes sucessos.

O teatro sempre foi a sua razão de viver – desde o berço! Filha de Átila e Conchita de Moraes, ela nasceu em 3 de fevereiro de 1908, na cidade de Valença/RJ, durante uma excursão do grupo teatral de que os pais faziam parte.

Desde bebê, Dulcina vivia nas coxias dos teatros, acompanhando os pais. Não tardou para que ela se arriscasse como atriz. Sua estreia como protagonista se deu quando ela tinha apenas 15 anos. A peça era “Travessuras de Berta”, e foi um sucesso estrondoso.

Daí em diante, integrou as mais importantes companhias teatrais até criar a sua própria, em 1935, junto com o marido, Odilon Azevedo, com quem se casou em 1931. A

Cia. Dulcina-Odilon foi responsável por êxitos memoráveis nos palcos nacionais.

Uma artista multitalentosa

Dulcina desenhou uma carreira majestosa de atriz nos palcos, sagrou-se diretora e gestora da Cia. Dulcina e Odilon, fez sucesso internacional, trouxe novos autores ao Brasil (Garcia Lorca é um deles), revelou talentos e abriu a primeira instituição de nível superior dedicada ao teatro.

Ela dominava como ninguém o que os atores chamam de “tempo de comédia”, isto é, a piada ou gesto engraçado feitos no momento perfeito para causar gargalhadas na plateia. Seu jeito de interpretar, suas expressões faciais e a gargalhada característica influenciaram gerações de atrizes.

Formando novos talentos

Em 1955, Dulcina realizou um grande sonho, com a criação da Fundação Brasileira de Teatro (FBT), um centro de formação profissional para atores e atrizes. Ela dedicou o resto de sua vida e todas as suas economias a esse projeto.

A mudança para a capital federal

Dulcina veio apresentar-se em Brasília por ocasião do aniversário de 3 anos da cidade, em 1963. Foi amor à primeira vista. Mudou-se definitivamente para a cidade em 1972, levando junto sua amada Fundação.

Foram quase dez anos de espera, mas finalmente, em 1982, ela inaugurou a Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, bem no centro de Brasília. A partir daí ela passou a dedicar-se exclusivamente a dar aulas de teatro na faculdade.

Dulcina faleceu em 28 de agosto de 1996, em Brasília. Foi uma mulher admirável, que deixou um grande legado para atores e público: humor, perseverança, profissionalismo e amor pelo teatro.





A história do teatro infantil brasileiro se confunde com a vida de Maria Clara Machado. Não é para menos – desde a década de 1950, suas obras divertem e encantam plateias em todo o País.

Maria Clara nasceu em 3 de abril de 1921, em Belo Horizonte/MG. Filha do escritor Aníbal Machado, mudou-se para o Rio de Janeiro com a família aos quatro anos. Durante toda a infância, conviveu com intelectuais e artistas, amigos de seu pai, despertando cedo para o mundo das artes.

Na adolescência, integrou o Movimento Bandeirante, trabalhando no ambulatório do Patronato Operário da Gávea. Foi lá que viveu sua primeira experiência nos palcos, divertindo as crianças que estavam no local com números de teatro de bonecos.

Em 1949, já adulta, Maria Clara ganhou uma bolsa de estudos do governo francês para estudar teatro em Paris.

Durante o período que passou na Europa, teve a chance de aprender com grandes mestres das artes dramáticas.

A temporada na Europa foi inspiradora. Em 1951, já de volta ao Brasil, a animada Maria Clara reuniu um grupo de amigos e criou o grupo de teatro amador O Tablado.

A ideia inicial era encenar espetáculos apenas para o público adulto. Mas em 1953, com a estreia de “O boi e o burro a caminho de Belém”, sua primeira peça infantil, Maria Clara Machado nunca mais se separou das crianças.

Ao longo de sua carreira, ela criou 27 peças infantis, como os grandes sucessos “Pluft, o fantasminha”, “A bruxinha que era boa” e “O cavalinho azul”, entre muitos outros.

Maria Clara foi escritora, atriz, diretora de teatro e professora de artes cênicas. Seu pulso firme e dedicação transformaram O Tablado em um dos principais centros de formação de atores do Brasil.

Ela morreu aos 80 anos, em 30 de abril de 2001. Não deixou filhos biológicos, mas sua sobrinha – a atriz e diretora Cacá Mourthé – e as gerações de artistas que formou levam adiante o seu legado.



“Dja”, como era chamada pelos amigos, ou “Nira”, como falava seu papagaio, foi uma das maiores pintoras brasileiras. Djanira da Motta e Silva nasceu em Avaré (SP) em 1914 e teve uma infância turbulenta. Seus pais se separaram quando ela era pequena. Ela ficou com o pai, mas como ele viajava muito, foi criada por uma família de amigos em Porto União (SC). Djanira se sentia muito sozinha e, aos 14 anos, sua avó materna a levou de volta para o interior paulista, onde morou na fazenda de uma tia, ajudava nas tarefas domésticas e até mesmo na colheita de café.

Aos 17 anos, resolveu ir para São Paulo. Na capital, foi vendedora, cozinheira, costureira e até chapeleira. Trabalhava muito, se alimentava mal e não tinha tempo de se cuidar. O resultado foi uma tuberculose, doença que afeta os pulmões e que naquela época era de difícil tratamento. Djanira se internou em São José dos Campos

(SP) e foi lá que, aos 23 anos, começou a desenhar. Foi o começo da carreira de uma das grandes artistas do Modernismo.

Dois anos depois, mudou-se para o Rio de Janeiro. Djanira voltou a costurar, abriu uma pensão no bairro de Santa Teresa, e nas paredes de lá exibia os desenhos que fazia. Ao encomendar um vestido, uma cliente se surpreendeu com aqueles trabalhos. No dia seguinte, levou um amigo pintor – o romeno Emeric Marcier – para ver os desenhos. Ele também adorou o que viu e fez um acordo com Djanira: ele lhe daria aulas de pintura em troca de hospedagem na pensão. E foi assim que Djanira ficou íntima das tintas, telas e pincéis.

Cada vez mais ela convivia com artistas. Aos 28 anos, estreou em uma exposição coletiva no Salão Nacional de Belas-Artes e, no ano seguinte, fez sua primeira individual. Em 1943, seu trabalho começou a ganhar o mundo: participou de exposições na Inglaterra, Argentina, Uruguai e Chile. Morou nos Estados Unidos entre 1944 e 1947, onde também exibiu seu trabalho.

Ao voltar ao Brasil, conheceu o poeta e historiador José Shaw da Motta e Silva, com quem se casou. Viajou pelo País para pesquisar e se inspirar sobre seus temas favoritos: o cotidiano dos trabalhadores, festas populares e cenas religiosas.

Além das telas, Djanira trabalhou com xilogravura, gravura em metal, cartazes e cenários. Também fez desenhos para tapeçaria e azulejaria. Ela produziu intensamente ao longo de sua vida, deixando centenas de obras – boa parte

delas abrigadas no Museu Nacional de Belas-Artes.

Djanira vivia cercada por plantas e bichos: pássaros, cachorros, marrecos e porcos. Ela morreu em 1979. O amigo e escritor Jorge Amado destacou a forte ligação entre Djanira com as cores, paisagens, perfumes e sentimentos do Brasil. “Sendo uma das grandes pintoras de nossa terra, ela é mais do que isso, é a própria terra, o chão onde crescem as plantações, o terreiro da macumba, as máquinas de fiação, o homem resistindo à miséria. Cada uma de suas telas é um pouco do Brasil”.





Em 30 de maio de 1940, nascia – ou melhor, estreava no mundo! – Lucinete Ferreira, uma pernambucana apaixonada por música.

Com seis anos, a menina ia todo dia ao local onde as mulheres do bairro de Macaxeira, no Recife/PE, se reuniam para lavar roupas. Chegando lá, enchia o peito e desandava a cantar as canções que ouvia no rádio. Era uma alegria para quem ouvia!

Quando ela tinha quase 13 anos, sua mãe chegou em casa com uma novidade: a fábrica de tecidos em que trabalhava realizaria mais uma edição do seu tradicional concurso de calouros – sempre ganho pela mesma candidata. Lucinete resolveu encarar o desafio. E não deu outra: venceu! A partir de então, começou a cantar em matinês e apresentações, recebendo pequenos cachês.

Aos 14 anos, foi contratada pela Rádio Jornal do Commercio Recife. Lá ela trabalhou por seis anos como cantora e atriz de radionovelas.

Com vocês, a Rainha do Forró!

Em 1960, Lucinete mudou-se para São Paulo em busca de uma vida melhor para a sua família, a quem sustentava desde que começara a trabalhar na Rádio. Enquanto trabalhava como secretária, fez vários testes como cantora – e, como sempre, arrasou.

Não demorou para que fosse descoberta pela gravadora Chantecler. Foi lá, em 1961, que ela gravou seu primeiro álbum e foi rebatizada: tornou-se Anastácia, a Rainha do Forró!

Uma grande compositora

Além de cantora talentosa, Anastácia também é uma compositora de primeira: desde os 14 anos, cria letras e melodias que embalam seus fãs, que ora ‘forrozeiam’, ora suspiram com canções pra lá de românticas.

Anastácia compôs mais de 600 canções – mais de 200 delas com Dominginhos, com quem viveu um grande amor por 12 anos. Várias delas foram gravadas por grandes nomes da música brasileira, como Nana Caymmi, Gal Costa e Gilberto Gil, entre tantos outros.

Anastácia gravou mais de 30 álbuns – um deles indicado ao prêmio internacional Grammy. Em 2019, foi a Lisboa para ser a grande homenageada da 9ª edição do Baião

in Lisboa Festival. Foi um evento emocionante: pouco antes de subir ao palco para colocar todo mundo para dançar, Anastácia e a plateia assistiram à estreia de um documentário sobre sua vida.

Em 2020, em plena pandemia, Anastácia completou 80 anos. Não pôde comemorar do jeito que gostaria, cercada de fãs e amigos. Mas não pense que ela desanimou. Assim que puder, lançará álbum novo e continuará encantando os seus súditos. Vida longa à Rainha do Forró!



Atletas

Durante muitos anos, os esportes não foram considerados atividades adequadas às mulheres – chegaram, até mesmo, a ser proibidos para elas. Hoje, as meninas ganham seu espaço nas quadras, ginásios e campos. O que falta, agora, é a equiparação dos salários e incentivos dados ao esporte masculino.





Maria Esther Bueno é um dos maiores ícones do esporte brasileiro em todos os tempos. A melhor tenista do século 20 da América Latina nasceu em São Paulo, em 11 de outubro de 1939.

Aos 11 anos, começou a praticar o tênis no Clube Tietê. Desde cedo, chamava atenção pelo seu estilo elegante – por conta dele, foi apelidada de “A bailarina”.

Sua dedicação e talento deram resultado. Ela ganhou 71 títulos mundiais simples e foi a n.º 1 do mundo em 1959, 1964 e 1966. Foi a única tenista brasileira a ter seu nome inscrito no Hall da Fama do Tênis, em 1978, mesmo ano em que ganhou uma estátua de cera no famoso museu londrino Madame Tussaud.

Maria Esther também se destacou no torneio de duplas e conquistou uma medalha de ouro individual e duas de prata em dupla, nos Jogos Pan-Americanos de São Paulo, em 1963.

Em 1967, sofreu uma lesão grave no cotovelo. Acabou por abandonar as quadras na década de 70. Em seus últimos anos, foi comentarista esportiva em TVs por assinatura.

Maria Esther Bueno morreu em 8 de junho de 2018, inconformada com o fato de o Brasil não conseguir formar uma grande jogadora no circuito mundial. “Não é possível que no Brasil, com tanta gente jogando, não exista, pelo menos, uma boa para aparecer”. E aí, será que essa nova grande tenista pode ser você?



Daiane dos Santos é uma das maiores ginastas artísticas que o Brasil já conheceu. Mas sua carreira começou de um jeito bem inusitado.

Nascida em Porto Alegre em 13 de fevereiro de 1983, Daiane sempre foi baixinha, mais muito atlética. Ela foi descoberta pela professora Cleusa de Paula enquanto brincava em uma praça.

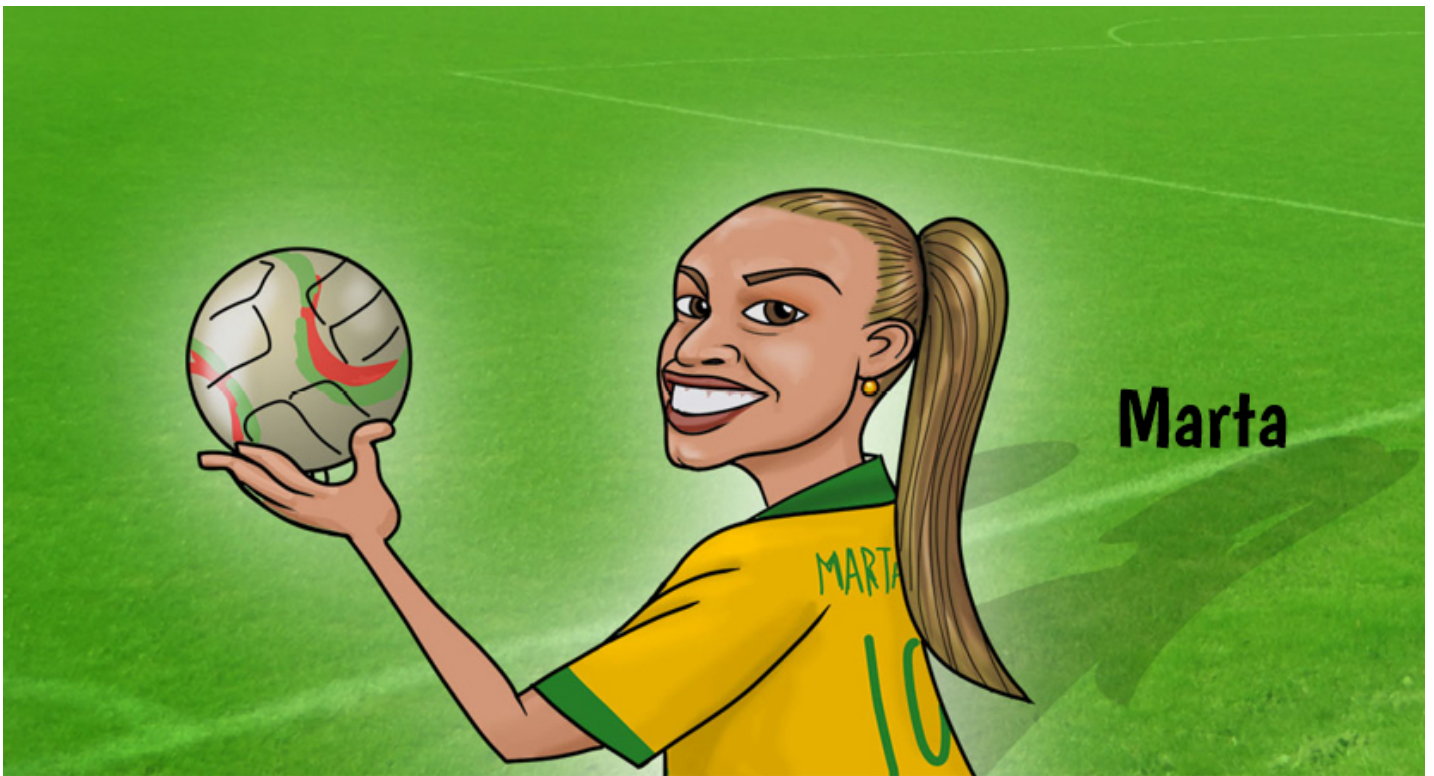
A professora apostou no talento nato da menina e convidou-a para treinar na AACETE (Associação dos Amigos do Centro Estadual de Treinamento Esportivo) e depois no Grêmio Náutico União. Daiane já tinha 11 anos – bem mais velha do que a maioria das ginastas iniciantes – mas compensou a idade com muita garra.

Tanta dedicação valeu a pena: aos 16 anos, Daiane conquistou duas medalhas (prata no salto sobre cavalo e bronze por equipes) nos Jogos Pan-americanos de Winnipeg (Canadá).

Aos 20 anos, tornou-se a primeira atleta brasileira, entre homens e mulheres, a conquistar o ouro em uma etapa da Copa do Mundo de Ginástica Artística. Foi em 2003, no Campeonato Mundial de Anaheim (Estados Unidos). Daiane venceu a final da prova de solo e encantou o mundo ao som de Brasileirinho, um chorinho do compositor Waldir Azevedo. Na ocasião, executou pela primeira vez um movimento com alto grau de dificuldade, o duplo twist carpado. O movimento ficou conhecido como “Dos santos I”, e sua variação, o duplo twist esticado, como “Dos Santos II”.

Os anos seguintes foram de muito treino, lesões e medalhas. Daiane participou das principais competições de ginástica artística do mundo, quase sempre com bons resultados. Quando se aposentou do esporte, aos 29 anos, colecionava dezenas de medalhas, entre as quais nove de ouro em etapas do Campeonato Mundial de Ginástica Artística.

Negra, baixinha e muito determinada, Daiane tornou-se uma grande inspiração para os ginastas brasileiros. Hoje em dia, ela é empresária e participa de vários projetos que divulgam o esporte.



Marta Vieira Silva nasceu em Dois Riachos/AL, em 19 de fevereiro de 1986, e desde cedo já mostrava sua paixão pelo futebol. Começou sua carreira no time local, Centro Sportivo Alagoano (CSV). Aos 14 anos, foi jogar na equipe feminina do Vasco da Gama, no Rio de Janeiro. Hoje é reconhecida internacionalmente como a Rainha Marta.

Futebol X preconceito

Marta cresceu sem o pai, morando com a mãe, uma irmã e dois irmãos. Ainda jovem, no interior de Alagoas, seu amor pelo futebol causava estranhamento e comentários preconceituosos na cidade. Sua mãe teve de ouvir várias vezes como o amor da pequena Marta pelo futebol era “anormal”. A resposta da fiel protetora sempre foi “deixa ela”!

E o preconceito não se restringia à plateia. Uma vez, o técnico do time mirim adversário recusou-se a jogar contra a equipe de Marta só porque ela era mulher.

A carreira no Rio de Janeiro

Adolescente, foi para o Rio de Janeiro morar na casa de conhecidos da família. Queria manter contato com clubes da cidade que tinham equipes femininas de futebol e esperava que algum agente esportivo a convocasse para um teste. E esse dia chegou.

A menina tímida de Alagoas chegou ao campo do Vasco da Gama e viu algo novo para ela, até então: um campo só com garotas jogando. Ela, que quase não abria a boca desde que chegara, deixou o seu futebol falar mais alto: na primeira oportunidade com a bola nos pés, chutou ao gol com tanta força que quase colocou a goleira para dentro do travessão, com bola e tudo. O espanto foi geral, e ela logo foi contratada pelo Vasco da Gama.

Carreira internacional

A partir desse ponto, a carreira profissional de Marta decolou. Depois de dois anos no Vasco, foi jogar no Santa Cruz Futebol Clube de Minas Gerais. Em 2003, vestiu a camisa da Seleção Brasileira nos Jogos Pan-americanos de Santo Domingo, República Dominicana, sendo uma das responsáveis pelo ouro brasileiro. A imprensa internacional começou a dar destaque à atleta e, no ano seguinte, ela assinou contrato com o Umeå IK, da Suécia.

Presença certa nas convocações da seleção brasileira feminina de futebol, Marta destacou-se nas Olimpíadas e nos torneios internacionais. É a atual recordista em prêmios de melhor futebolista feminina, com seis títulos

mundiais. Marta conseguiu a medalha de ouro nos jogos pan-americanos de 2007 e segundo lugar na Copa do Mundo de Futebol Feminino no mesmo ano.

Marta é apontada como uma das figuras brasileiras de maior destaque de sua geração. Sua história é inspiradora e mostra a todas as meninas e mulheres que é possível, sim, fazer o que se gosta, independentemente da opinião alheia sobre o seu gênero e, principalmente, independentemente de qualquer preconceito.





A nadadora Maria Lenk teve uma vida marcada pelo pioneirismo. Em uma época em que as mulheres quase não tinham espaço nem voz, ela abriu caminhos. Foi a primeira mulher sul-americana a participar de uma Olimpíada (1932); a primeira mulher a nadar borboleta em Jogos Olímpicos (1939); bateu os primeiros recordes mundiais da natação brasileira (200m e 400m peito – 1939); foi a primeira mulher a dirigir uma faculdade de Educação Física na América do Sul; foi a única atleta brasileira a receber a Ordem do Mérito Olímpico (honraria concedida pelo Comitê Olímpico Internacional aos maiores atletas de todos os tempos); além de conquistar dezenas de recordes mundiais ao longo de toda a sua vida.

Nascida em 15 de janeiro de 1915, a paulista começou a nadar na infância para fortalecer seus pulmões, depois de ter uma pneumonia. É até difícil de imaginar, mas as primeiras braçadas de Maria Lenk foram nas águas do Rio Tietê, que na época eram super limpas e abrigavam várias competições de natação e de remo. Por quatro

vezes seguidas, ela foi campeã da Travessia de São Paulo a Nado (1932-1935), uma tradicional prova de natação de 5,5 km.

Ser uma atleta profissional é um desafio e tanto, mas naquela época era ainda mais difícil. Em 1941, um decreto do presidente Getúlio Vargas organizava os esportes no país e proibia às mulheres a prática de modalidades “incompatíveis com as condições de sua natureza”. Apesar disso, Maria Lenk conseguiu integrar uma delegação de nadadores sul-americanos que excursionou pelos Estados Unidos (era a única mulher neste grupo). Lá, a brasileira quebrou 12 recordes estadunidenses e concluiu o curso de Educação Física na Universidade de Illinois.

O impressionante desempenho nas águas levou o nome de Maria Lenk ao Hall Internacional da Fama de Natação, que fica em Fort Lauderdale (Flórida-EUA). O curador do Swimming Hall of Fame, Bob Duenkel, avalia que a presença dela nos Jogos Olímpicos de 1932, em Los Angeles, estimulou outras mulheres a mergulharem na carreira esportiva. Vale destacar que ela foi a primeira atleta da história a usar a técnica de recuperação da braçada por fora da água durante o nado peito, que depois viria a ser oficializado como nado borboleta.

A atleta também se destacou como educadora na Escola Nacional de Educação Física da Universidade do Brasil (atual UFRJ) e teve dois filhos com o engenheiro Gilberto Ziegler, que também nadava. Ela fazia questão de transmitir a seus familiares não só o amor pelo esporte, mas também a importância da independência e determinação. No documentário “Maria Lenk – a essência

do espírito olímpico”, a neta Andrea Zigler lembra do conselho da avó na última conversa que tiveram. “Ela disse: escute bem, Andrea. Você pode ter quantos namorados quiser. Mas tenha a sua própria carreira e a sua própria conta bancária, e você sempre poderá contar consigo mesma, não importa o que aconteça”, lembra a neta. Um conselho que vale para todas as garotas, né?

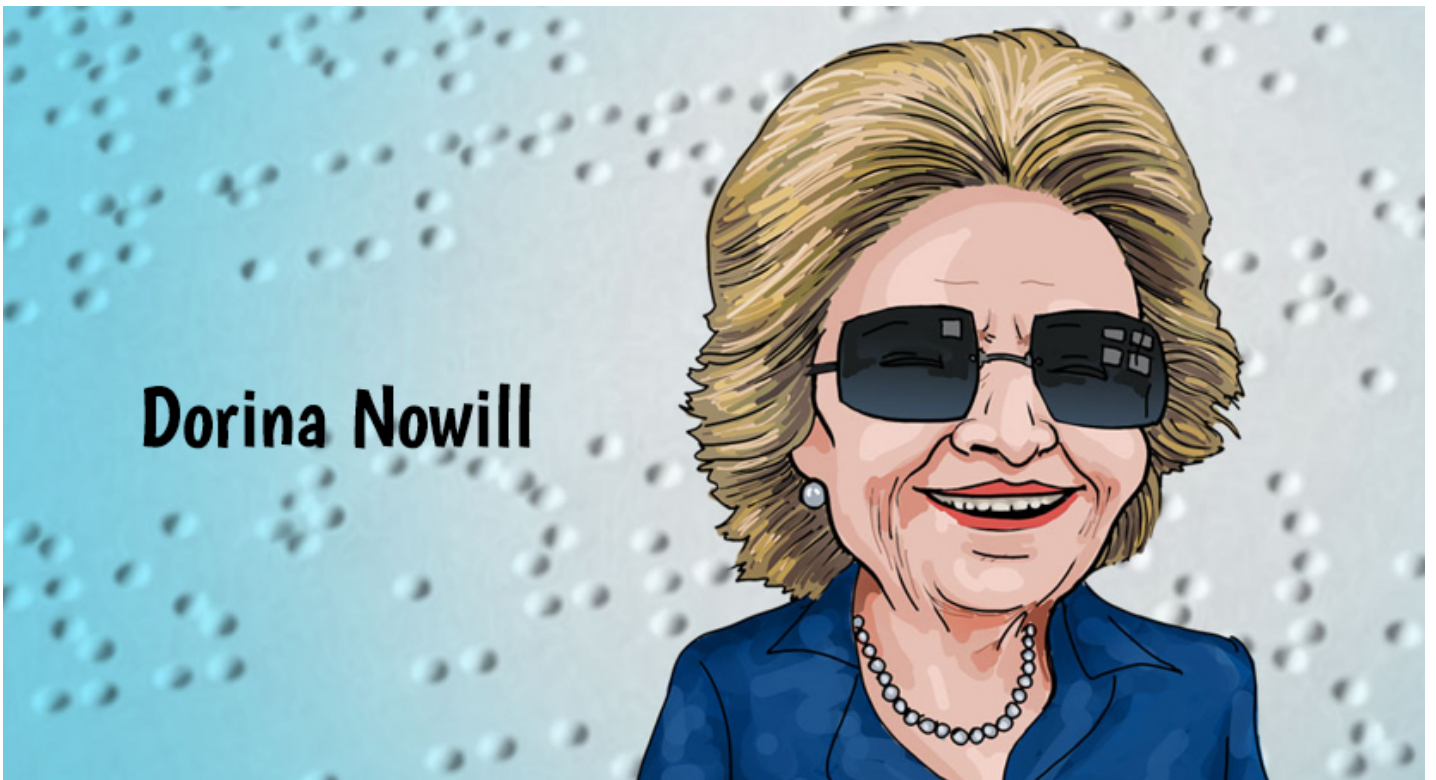
Maria Lenk amava nadar. “Ela só não tinha escamas porque a evolução se dá muito lentamente no processo evolutivo, senão ela teria escamas e guelras”, brinca o sobrinho Francisco da Silva Júnior, no mesmo filme sobre a atleta. Em 16 de abril de 2007, a nadadora faleceu após uma parada cardiorrespiratória, enquanto se preparava para mais uma competição. Ela estava com 92 anos.



Defensoras dos Direitos Humanos

Essas brasileiras nos comovem e inspiram com sua vida inteiramente dedicada a defender os mais vulneráveis.





Talvez você não a conheça pelo nome, mas saiba que o trabalho dessa brasileira ajuda muita gente.

Dorina Gouvêa Nowill nasceu em São Paulo, no dia 28 de maio de 1919. Quando tinha apenas 17 anos, ficou cega por motivos que nenhum médico conseguiu descobrir. Nessa idade, ela já era professora, e decidiu não deixar que a cegueira afetasse aquilo que mais gostava de fazer: ensinar. Usou a deficiência como um incentivo para fazer com que outras pessoas que não podiam enxergar continuassem aprendendo.

Em 1946, com a ajuda de algumas amigas, Dorina criou a Fundação para o Livro Cego no Brasil, em São Paulo (que muitos anos depois ganhou o nome de Fundação Dorina Nowill Para Cegos). Essa Fundação, junto com o Instituto Benjamin Constant, no Rio de Janeiro, foi a primeira no País a produzir livros em braille (uma forma de comunicação feita pelo tato, que permite ao cego ler e escrever) e a distribuir gratuitamente esses livros.

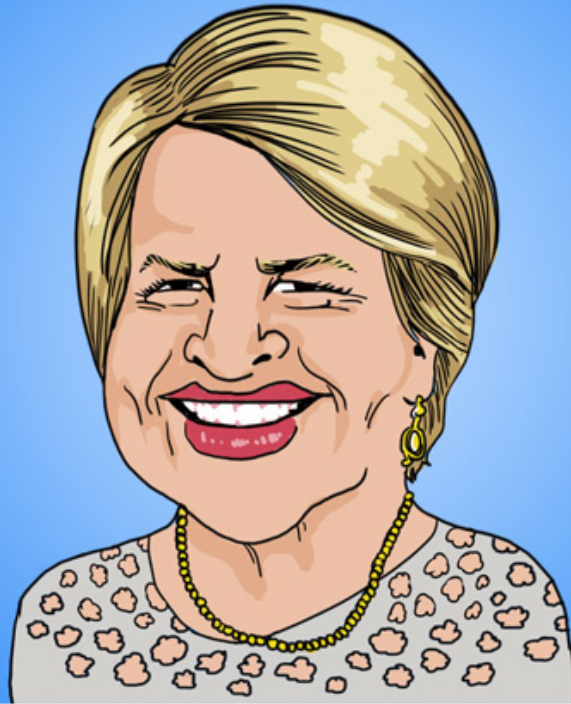
Dorina era incansável. Em 1954, conseguiu que o Conselho Mundial para o Bem-Estar do Cego se reunisse no Brasil, em conjunto com o Conselho Brasileiro de Oftalmologia e a Associação Panamericana de Saúde. De 1961 a 1973, ela dirigiu a Campanha Nacional de Educação de Cegos do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Em sua gestão foram criados os serviços de educação de cegos em todas as Unidades da Federação. Dorina lutou, também, pela abertura de vagas e encaminhamento das pessoas com deficiência visual para o mercado de trabalho. Na década de 1980, participou de duas Conferências da Organização Internacional do Trabalho (OIT), lutando pela aprovação da Convenção 159 e da Recomendação 168, que convocam as nações a oferecer programas de reabilitação, treinamento e emprego para as pessoas com deficiência.

Hoje, a instituição que leva seu nome oferece atendimento gratuito nas áreas de reabilitação, educação inclusiva e empregabilidade para milhares de pessoas cegas ou com baixa visão, além de possuir uma das maiores gráficas braille do mundo.

Dorina Nowill faleceu em 29 de agosto de 2010, aos 91 anos de idade, mas seu legado está muito vivo entre as pessoas com deficiência do nosso país.



Zilda Arns



Zilda Arns era médica pediatra e fez trabalhos sociais importantes na divulgação dos direitos das crianças e idosos e no combate à desnutrição e à mortalidade infantil.

Catarinense de Forquilha, Zilda foi a 13ª filha de uma família com 16 irmãos. Nascida em 25 de agosto de 1934, ela começou a cursar Medicina em 1953, enfrentando a resistência inicial de seu pai, que não achava a profissão adequada para uma mulher.

De 1955 a 1964, foi médica pediatra no Hospital de Crianças César Pernetta, em Curitiba. Em 1981 atuou como diretora de Saúde Materno-Infantil da Secretaria de Saúde do Estado do Paraná.

Em 1983, Zilda fundou e passou a coordenar a Pastoral da Criança, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Seu trabalho foi muito importante no desenvolvimento de novas políticas públicas e na diminuição das taxas de mortalidade infantil no País.

Ela ganhou vários prêmios por sua atuação na área social. Em 2001, foi uma das indicadas ao Prêmio Nobel da Paz. E em 2002, foi declarada Heroína da Saúde Pública das Américas, título concedido pela Organização Pan-Americana de Saúde (Opas).

Em 2008, Zilda assumiu a direção da Pastoral Internacional da Criança. Também fundou e coordenou a Pastoral da Pessoa Idosa. Seu trabalho espalhou-se por vários países, especialmente na África, América do Sul e Ásia, em benefício da população mais fragilizada pela pobreza.

Zilda Arns morreu no dia 12 de janeiro de 2010, no Haiti, durante um grande terremoto. Ela estava em Porto Príncipe, em missão humanitária, para introduzir a Pastoral da Criança naquele país.





Maria da Penha

Maria da Penha Maia Fernandes conquistou reconhecimento pela sua luta contra a violência à mulher. A história de agressão que ela mesma sentiu na pele inspirou a lei 11.340/2006, que tem o seu nome.

Filha de pai dentista e mãe professora, Maria da Penha nasceu em 1º de fevereiro de 1945, em Fortaleza/CE. Incentivada pela avó, que era parteira, a moça resolveu estudar farmácia.

Após concluir a faculdade em 1973, ela se mudou para São Paulo com o objetivo de fazer mestrado na Faculdade de Ciências Farmacêuticas. Depois de um ano na cidade, Maria conheceu o colombiano Marco Antonio Heredia Viveros, um homem que inicialmente se mostrou simpático, amigo, querido por todos, alguém em quem ela poderia confiar.

Depois de concluir o mestrado, já casada, Maria voltou com o marido para Fortaleza. Pouco depois do nascimento da primeira filha, Marco conseguiu se naturalizar brasileiro.

Foi aí que o pesadelo começou. Maria se viu envolvida em um ciclo de violência: o marido ficava agressivo, era violento com ela e com as filhas, então se arrependia e voltava a ser amoroso – e tudo começava outra vez. Ela pensou em se separar, mas acabou continuando casada, esperando que as coisas pudessem se acertar.

A tragédia

Em 29 de maio de 1983, Maria da Penha acordou assustada com um barulho. Ela não viu o que tinha acontecido porque não conseguia se mexer: Marco a baleou nas costas, deixando-a paraplégica. Ele contou aos policiais que a casa tinha sido invadida por quatro assaltantes.

Ela passou meses internada, sem saber quem havia atirado nela. Quando finalmente voltou para casa, o marido tentou eletrocutá-la durante o banho. Maria associou o comportamento agressivo do marido aos ataques que sofrera e tudo ficou claro para ela. Foi quando decidiu sair de casa com as três filhas.

O caso na justiça

Maria fez uma denúncia contra o marido, numa batalha na justiça que se arrastaria por anos. Marco ficou em liberdade após ser julgado e condenado duas vezes, devido a recursos solicitados pela defesa.

Mesmo sem a resolução do caso na justiça, Maria não se abateu. Depois de quase esgotar os recursos legais que existiam no País, ela recorreu à Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos, onde o Brasil foi condenado por negligência.

A lei "Maria da Penha"

O caso teve tanta repercussão que, em 2006, o Brasil elaborou uma lei para prevenir e punir a violência doméstica e familiar, nascendo assim a lei Maria da Penha.

Em 2009 ela fundou o Instituto Maria da Penha – IMP, que leva uma mensagem de igualdade, respeito e educação entre homens e mulheres.



Lélia Gonzalez

Professora, filósofa e antropóloga, Lélia Gonzalez foi uma das principais feministas brasileiras – e uma das primeiras a apontar as relações entre gênero, raça e classe social. Ela explicou como as desigualdades sociais e o machismo atingem de forma ainda mais cruel as mulheres negras, destacando inclusive os impactos sobre sua saúde mental.

Provocadora, ela buscava uma linguagem simples para apresentar seu pensamento. Criticava os lugares reservados aos negros na sociedade (a mulata, a doméstica, a mãe preta, o incapaz, o malandro, etc.) e explicava a importância de eles mesmos falarem sobre sua condição. Além disso, Lélia destacava como os negros foram fundamentais para a construção da cultura brasileira, incluindo a nossa língua, que ela chamava de “pretuguês”.

Nascida em Belo Horizonte em 1º de fevereiro de 1935, Lélia Gonzalez se mudou com a família para o Rio de Janeiro ainda criança. “A gente tinha acabado de perder o

nosso pai, eu fui babá de filhinho de madame. Você sabe que criança negra começa a trabalhar muito cedo. Teve um diretor do Flamengo que queria que eu fosse para a casa dele ser uma empregadinha, daquelas que viram cria da casa. Eu reagi muito contra isso, então o pessoal terminou me trazendo de volta para casa”, contou Lélia ao jornal O Pasquim, em 1986 (o irmão de Lélia, Jaime de Almeida, foi jogador do Flamengo).

Aquela menina determinada encarou inúmeras dificuldades, mas fez graduação em História e Filosofia, mestrado em Comunicação Social e doutorado em Antropologia Social. Tornou-se professora, chefiou o departamento de Sociologia e Política da PUC-RJ e ajudou a fundar instituições como o Movimento Negro Unificado, o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras, o Coletivo de Mulheres Negras N’Zinga e o Olodum. Fez parte do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher e se candidatou em duas eleições (1982 e 1986), conquistando a suplência em ambas.

Lélia morreu no dia 11 de julho de 1994, vítima de um infarto. Mas a força de seus pensamentos ganha cada vez mais visibilidade. Para se ter uma ideia do impacto de suas ideias, em visita ao Brasil em 2019, a filósofa e militante estadunidense Angela Davis instigou a plateia lotada: “Sinto como se me vissem representando o feminismo negro. Por que vocês precisam olhar para os Estados Unidos? Não entendo. Eu acho que aprendi mais com Lélia González do que vocês poderão aprender comigo”.

Garotas (incríveis) como você

Ao longo da história do Plenarinho, conhecemos garotas que nos inspiraram com suas histórias de protagonismo. Sigam em frente, meninas! O mundo é de vocês!





Quando cursava o 2º ano do ensino médio, em 2016, Raphaele Godinho precisou pesquisar informações sobre Maria Antonieta, personagem da Revolução Francesa. Mas após muitas buscas, chegou à conclusão que se falava muito mais do rei Luís XVI do que da rainha. Intrigada, a estudante, que mora em Mairinque (SP), começou a se perguntar por que havia tão poucas informações sobre mulheres que tiveram um papel relevante na história.

Foi aí que Raphaele teve a ideia de criar um projeto educativo para resgatar o valor das mulheres e o papel desempenhado por elas em momentos históricos. O projeto "Resgatando e Valorizando a Mulher" deu tão certo que sua autora acabou selecionada para o Parlamento Juvenil do Mercosul 2016-2018. Raphaele também participou do Parlamento Jovem Paulista em 2016 e do Parlamento Jovem Brasileiro, na Câmara dos Deputados, em 2017. Neste, atuou como presidente da Comissão de Cultura, Esporte e Turismo – CCET.

Como funciona o projeto

São realizadas atividades como montagens de painéis temáticos, gincanas e exibição de filmes em escolas, durante os horários vagos dos estudantes. As exposições narram histórias e biografias de grandes mulheres da humanidade e temas como violência e preconceito são abordados. O dinheiro para viabilizar o projeto vem de doações.

Além dessas atividades, Raphaele e Karine Oliveira, sua colaboradora, também formam outras meninas para que desenvolvam, por conta própria, os trabalhos nas escolas participantes. “É mais um jeito de permitir que outras meninas possam atuar e ter voz”, diz Raphaele.

Reconhecimento nacional e internacional

A iniciativa de Raphaele é tão importante que inspirou um Projeto de Lei! A deputada federal Tabata Amaral cita a ideia da jovem na justificativa do PL 557/20, que determina “o destaque, nos currículos escolares de todos os níveis de ensino, para os conteúdos relativos aos direitos humanos, à equidade de gênero e de raça ou etnia e ao problema da violência doméstica e familiar contra a mulher”.

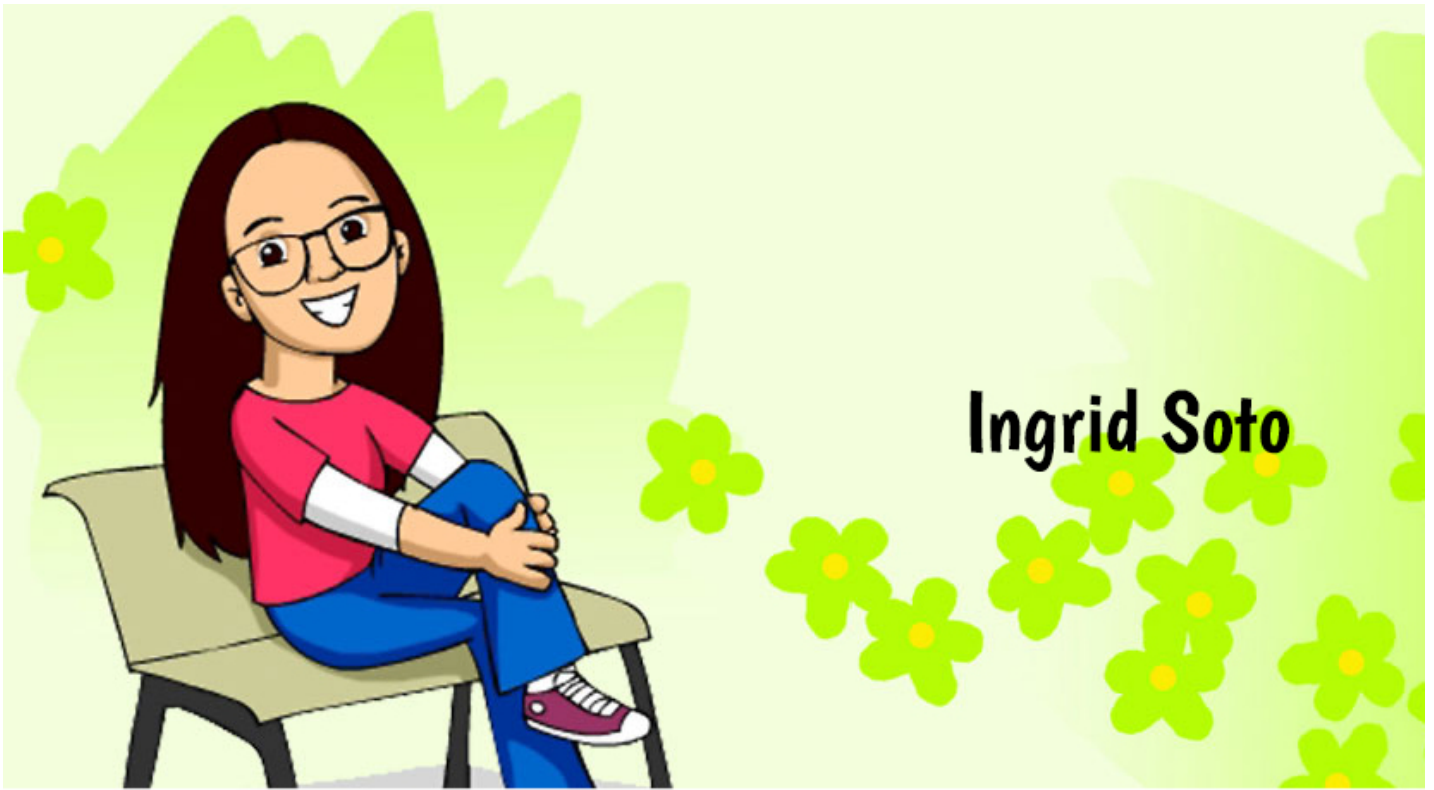
Para Raphaele, é mais uma confirmação de estar no caminho certo. “É um reconhecimento em nível nacional, a ponto de virar um projeto de lei. Significa que o que estou fazendo tem impacto”, comemora.

Fora do Brasil ela também se destaca! A organização Vital Voices, que identifica e apoia mulheres líderes em todo o mundo, descobriu o projeto e selecionou Raphaele como

uma de suas embaixadoras, pela relevância da ação na valorização do papel das mulheres na sociedade.

Raphaele também foi uma das 35 jovens selecionadas em todo o mundo pela fundação We Are a Family para participar do Three Dot Dash Global Teen Leaders 2020, em Nova York. O evento global reúne pessoas de 15 a 19 anos que afetam positivamente suas comunidades, com ações nas mais diversas áreas.





Ingrid Soto começou a se incomodar com a situação dos refugiados muito cedo. Aos 9 anos, escreveu a primeira música pacifista. Aos 10, enviou uma carta para a Organização das Nações Unidas querendo ajudar aqueles que precisam fugir de sua terra natal. “Como podemos ficar inertes perante a estas notícias? Eu não podia ficar sem fazer algo diante desta realidade”, contou a jovem, que mora em Valinhos (SP) e começou a cursar Filosofia.

Em 2013, ela fez sua primeira campanha de arrecadação de brinquedos com o apoio do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR/ONU). No ano seguinte, de forma independente, organizou tudo. E, em 2015, foi a brasileira escolhida para receber a Mochila Viajante da ACNUR, uma campanha que tem o objetivo de reunir doações para as crianças que moram em campos de refugiados no Norte da África e para as que chegam no Brasil. Em duas semanas arrecadou mais de 10 mil brinquedos! “É muito gratificante e emocionante

ver o sorriso das crianças que doam e das crianças que recebem estes brinquedos e livros, é a realização de um sonho”, descreveu Ingrid.

Desde então, a jovem cantora pacifista, como se define, organiza campanhas para arrecadar doações para crianças imigrantes e refugiadas. A jovem ativista deixou um recado para todas as crianças que têm sonhos e querem um lugar melhor para se viver. “Acreditem! Podemos unir nossa geração e mudar o mundo! Tenha certeza que para realizar seus sonhos, você encontrará várias barreiras, mas com sabedoria e paciência saberá ultrapassá-las e assim aprenderá a dar mais valor a seus sonhos, e ir até o fim”.



Um dia, quando tinha seis anos, Beatriz Martins de Souza foi acompanhar seu pai em um dia de trabalho. Passando pelas ruas de São Paulo, ela viu um grupo de crianças sujas, descalças e pedindo ajuda. A cena incomodou Bia, que queria ajudar de alguma maneira. Teve, então, uma ideia simples, mas capaz de arrancar sorrisos: juntar doces!

Bia passou a guardar todo tipo de balas que ganhava. Em dezembro de 2006, a pequena pegou todas as guloseimas que reuniu ao longo de quatro meses e chamou o pai para ajudá-la a distribuir. Sensibilizado com a atitude, o pai de Bia pediu contribuição de amigos e conseguiu arrecadar mais doces e brinquedos. Com a atitude, foi possível entregar mais de 600 kits para crianças carentes.

Foi assim que nasceu a ONG “Olhar de Bia”, que já alcançou mais de 100 mil pessoas, com atividades de esporte e cultura para estudantes da rede pública de ensino de Guarulhos, em parceria com o governo local. O programa também conta com ações de capacitação profissional

para jovens do Ensino Médio. “Não sei se transformar o mundo a gente consegue, mas transformar o mundo de alguém a gente pode juntos. Esse é o nosso lema”, explica.

Bia lembra que sua intenção inicial era ajudar aquelas crianças, naquele dia, sem imaginar que os docinhos fossem inspirar e ajudar tanta gente. Por isso, ela destaca a importância dos sonhos. “Não tem como falar da minha vida sem falar de sonhos. A única coisa que pode mobilizar é o sonho. O Olhar de Bia nasceu como um sonho que me motiva todo dia a alcançar meus sonhos e realizar os de outras pessoas”.

E ela deixa um recado para todas as crianças que querem ajudar: “Não existe idade para começar a fazer o bem, aquela frase quando eu crescer, porque precisamos ser mais velhos para ajudar o próximo? Nosso momento é agora”, afirma.

E tem mais: em 2008, Bia participou do Câmara Mirim e sente o maior orgulho de ter sido deputada mirim. Legal, né?



“Vocês podem tudo, menos desistir”. Esse é o principal recado que a bailarina Vih Bueno gosta de mandar para seus mais de 160 mil seguidores nas redes sociais. A mensagem vem com a força de sua experiência pessoal. A jovem nasceu sem os braços, mas a deficiência nunca limitou seus sonhos. Nascida em Santa Rita do Sapucaí (MG) em 22/03/2004, ela dança desde os 5 anos. Em 2020, conquistou o ouro na prova da Royal Academy of Dance, prestigiado método internacional de avaliação de ballet clássico.

“O que mais encanta na dança é a leveza dos passos, eu me sinto única quando estou dançando”, descreve a jovem artista. “A dança me ensinou a ir mais além, tendo disciplina, foco, determinação e a nunca desistir”, completa Vitória, ou apenas Vih. Além do ballet, ela domina o jazz, o sapateado, e também os segredos de uma maquiagem perfeita. Vih Bueno segue diversas influencers de beleza e surpreende com a habilidade com que maneja pincéis, bases e delineadores.

Além de talentosa nos palcos, Vih Bueno é muito aplicada também na escola, onde cursa o segundo ano do Ensino Médio. “Nós, bailarinas, não temos muito tempo para estudar em casa, então a gente tem que prestar bastante atenção nas aulas para não ficar com muita dúvida e acumular matéria”, ensina.

Sobre os preconceitos sofridos, Vih Bueno conta que sempre tentou “entender o lado das pessoas” e que isso a ensinou a ser mais forte. Para ela, a deficiência nunca foi um obstáculo, “então isso me ajudou a querer ir mais além, a buscar, a persistir”. A bailarina avalia que a acessibilidade tem melhorado no país, mas em um ritmo muito lento. Ela destaca, ainda, a importância de uma educação realmente inclusiva. “Nem todas as escolas aceitam crianças com deficiência. Acho isso muito importante para que se possa enxergar as crianças com deficiência com um olhar mais empático, a se colocar mais no lugar da pessoa com deficiência”, afirma.

O carisma de Vih Bueno no palco se repete nas redes sociais. Em suas contas, é possível acompanhar toda sua leveza, bom humor, além de coreografias e makeups: @vihb_bailarina (Instagram) e @vihbboche (TikTok).

Conheça o Portal Plenarinho!

O Plenarinho é o programa de relacionamento da Câmara dos Deputados com professores e com o público infantojuvenil. Nasceu em agosto de 2004 e, desde então, existe na forma de um “portal”. Na internet, um portal é uma coleção de sites. Mas, no imaginário infantil, nas histórias maravilhosas, nos jogos, um portal é a entrada para um mundo mágico. Neste caso, o mundo mágico da cidadania.

No início do Plenarinho, nós queríamos aproximar a Câmara dos pequenos cidadãos. Nós, um órgão federal, deveríamos estar presentes em todos os recantos do País, e nada melhor que a tecnologia da comunicação e da informação para alcançar esse objetivo.

Hoje, este portal fantástico tem como missão não somente levar a Câmara até as crianças, mas trazer as crianças para este grande espaço político. Mais do que levar a elas a informação, queremos que elas tenham voz própria, participem ativamente na produção do conteúdo e de sua própria história. Para isso, temos investido também na parceria com os professores, principais mediadores do processo de construção de uma aprendizagem ativa, fundamental para o exercício da democracia.

Por isso, no Plenarinho, estão disponíveis planos de aula, textos, jogos, histórias em quadrinhos, animações e vídeos para todos aqueles que se interessem em abordar a educação política de forma divertida. Se quiser explorar nosso jeito criança de ser cidadão, acesse: **plenarinho.leg.br** .



Quem dirige a Câmara

Mesa Diretora da Câmara dos Deputados - 56ª Legislatura

Presidente:

Deputado Arthur Lira

1º Vice-Presidente:

Deputado Marcelo Ramos

2º Vice-Presidente:

Deputado André de Paula

1º Secretário:

Deputado Luciano Bivar

2ª Secretária:

Deputada Marília Arraes

3ª Secretária:

Deputada Rose Modesto

4ª Secretária:

Deputada Rosângela Gomes

Suplentes:

Eduardo Bismarck
Gilberto Nascimento
Alexandre Leite
Cássio Andrade

Diretor-Geral:

Celso de Barros Correia Neto

Secretário-Geral da Mesa:

Ruthier de Sousa Silva

Quem faz a revista Plenarinho

SEMID – Secretaria de Participação, Interação e Mídias Digitais

Secretário:

Deputado Orlando Silva

Diretor-Executivo:

Jorge Paulo de França Júnior
(61) 3216-1500

Coordenadora do Plenarinho:

Ana Cláudia Lustosa

Redação:

Ana Cláudia Lustosa
Ana Marusia Lima
Letícia Ono
Mônica Montenegro

Projeto gráfico e ilustrações:

Leif Bessa
Plínio Quartim
Renato Palet

Endereço: Câmara dos Deputados

Anexo I - 16º andar - Sala 1609

CEP: 70.160-900 / Brasília - DF



plenarinho.leg.br

Câmara Mirim



Ideias para melhorar o **BRASIL**

Inscreva seu projeto de lei!
Sua proposta pode virar lei de verdade

Acesse: www.plenarinho.leg.br

